



OBRAS DA MESMA AUTORA:

MARMORES, versos, 1895 — (edição exgottada)

LIVRO DA INFANCIA, prosa e verso, 1899.

Obra didactica para uso das escolas primarias, de propriedade do Governo do Estado de São Paulo.

ESPHINGES, versos, 1903

ALMA INFANTIL, versos para uso das escolas, de collaboração com Julio Cesar da Silva, 1912 — (edição exgottada).

FRANÇESCA JULIA

ESPHINGES



J. PRADO.



Typ. Soc. Editora Olegario Ribeiro - Abranches, 43 - S. Paulo

A M E U I R M Ã O
JULIO CESAR DA SILVA





DESEJO INUTIL

AO QUERRIDO MESTRE E AMIGO
VICENTE DE CARVALHO

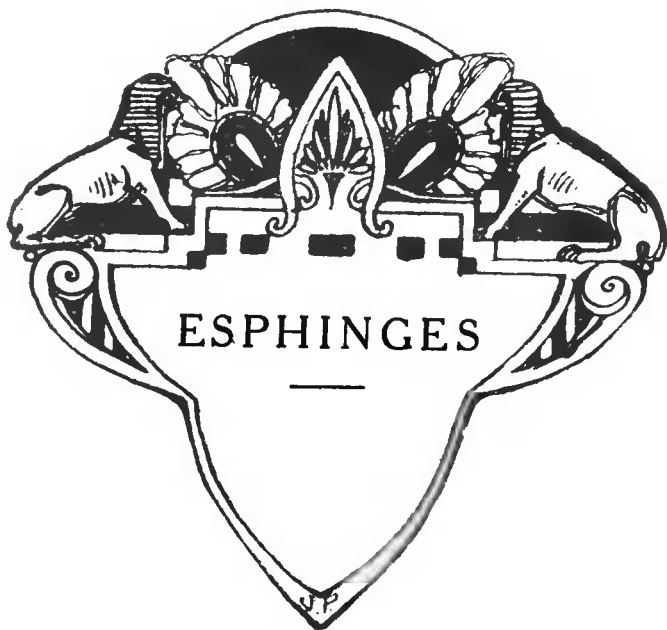
*Qualquer cousa afinal de bello escolher devo
Para em verso plasmar no esforço da obra prima:
Flor que viceja á sombra, aza que paira em cima,
Aroma de um pomar ou de um campo de trevo.*

*Aroma, ou aza, ou flor... Tudo o que diga e exprima
Perde, ao moldar-se em verso, o seu proprio relevo,
Porque sinto, máo grado a gloria com que escrevo,
Preso a imaginação no limite da rima.*

*Não val pois provocar, e sem que isto te praza,
Minh' alma, e por amor d' arte que se não doma,
A magua que te dóe e a febre que te abraza :*

*O aroma, sente! est'aza, admira! esta flor, toma!
Mas deixa continuar inexprimidas a aza,
A belleza da flor e a frescura do aroma.*







I

DANÇA DE CENTAURAS

A Coelho Netto.

Patas dianteiras no ar, boccas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Eil-as, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando á luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo solto ao léo das auras mansas.

Empallidece o luar, a noite cae, madruga...
A dança hippica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga :

É que, longe, ao clarão do luar que empallidece,
Enorme, acceso o olhar, bravo, do heroicò braço
Pendente a clava argiva, Hercules aparece...



II

A FONTE DE JACOB

Na velha Samaría era Sicar situada ;
Ora, em Sicar, Jacob, filho de Isac, um dia,
Velho já, tarda a mão, á sua gente amada
Uma fonte rasgou d'agua limpida e fria.

O Mestre, certa vez, a essa borda abençoada,
(No tempo de Jesús a fonte inda existia)
A' hora sexta quedou-se, a fronte angustiada
De dor, a ver passar gentes de Samaría.

Uma Samaritana, acaso, á fonte veiu ;
E ao passar por Jesús, com seu cantharo cheio,
O alto busto ondulou numa graça lasciva...

— Agua! pediu Jesús, mata-me a sêde e a magua!
Do cantharo, que tens, dá-me uma pouca d'agua
Que, em troca, eu te darei da fonte d'agua viva.



III

AMPHITRITE

Louco, ás doudas, roncando, em látegos, ufano,
O vento o seu furor colerico passeia..
Enruga e torce o manto á prateada areia
Da praia, zune no ar, encarapela o oceano.

A seus uivos, o mar chora o seu pranto insano,
Grita, ulula, revolto, e o largo dorso arqueia ;
Perdida ao longe, como um passaro que aneia,
Alva e esguia, uma não avança a todo o panno.

Socega o vento ; cala o oceano a sua magua ;
Surge, esplendida, e vem, envolta em aurea bruma,
Amphitrite, e, a sorrir, nadando á tona d'agua,

Lá vae... mostrando á luz suas fórmãs redondas,
Sua clara nudez salpicada de espuma,
Deslisando no glauco amículo das ondas.



IV

PROFISSÃO DE FÉ

Ouço e vejo o teu nome em tudo: ou nos reólhos
Do vento, ou no fulgor das estrellas, radiante;
Tudo é cheio, Senhor, desse perdão constante
Que sae da tua bocca ou desce dos teus olhos...

Tu és sempre o mysterio, a luz que tenho deante
Do olhar, quando te imploro a piedade, de geolhos;
És, á noite, o luar que bate nos escolhos,
Illuminando o bom caminho ao navegante.

Ante o perigo não vacillo : acho-me calma ;
Porque te amo, Senhor, com essa fé singela,
Mas forte e intensa, que me vem de dentro d'alma.

Para marcar o máo caminho ha sempre indicios ;
Não ha sombra que esconda a escura e hiante guela
Dos teus antros sem fundo e dos teus precipicios.



V

ADAMA H

A Julia Lopes d'Almeida.

Homem, sabio producto, epitome fecundo
Do supremo saber, fórma recém nascida,
Pelos mandos do céo, divinos, impellida,
Para povoar a terra e dominar o mundo ;

Homem, filho de Deus, imagem foragida,
Homem, sêr innocente, incauto e vagabundo,
Da terrena substancia, em que nasceu, oriundo,
Para ser o primeiro a conhecer a vida ;

Em teu primeiro dia, olhando a vida em cada
Sêr, seguindo com o olhar as barulhentas levas
De passaros saudando a primeira alvorada,

Que ingenuo medo o teu, quando ao céu calmo elevas
O ingenuo olhar, e vês a terra mergulhada
No primeiro silencio e nas primeiras trevas...



VI

OS ARGONAUTAS

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano;
Os astros e o luar — amigas sentinellas —
Lançam bençãos de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa, em coleras, ufano,
Faz palpar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas,
Querem tambem possuir thesouros e riquezas
Como essas náos, que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençam dos céos e a proteccão dos astros...



VII

EGYPTO

No ar pesado, nenhum rumor, o menor grito;
Nem no chão calvo e secco o mais pequeno adorno;
Um velho ibe sómente arranca um raro piorno
Que cresce pelos vãos das lageas de granito.

A aura branda, que vem do deserto infinito,
Arripia, ao de leve, a agua do Nilo, em torno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto e invade todo o Egypto.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de magua ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E num sonho tranquillo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer, sobre as aguas do Nilo.



VIII

C E G A

—

Trópega, os braços nús, a fronte pensa, varias
Vezes, quando no céu o louro sol desponta,
Vejo-a, no seu andar de somnambula tonta,
Despertando a mudez das viellas solitarias.

Arrimada ao bordão, lá vae... Imaginarias
Cousas pensa... Verões e invernos máos affronta...
Dores que tem soffrido a todo mundo conta
Na linguagem senil das suas velhas arias.

Cega! que negra mão, entre os negros escolhos
Do cahos, foi procurar a treva, que ennegrece,
Para cegar-te a vista e escurecer-te os olhos?

Cega! quanta poesia existe, amargurada,
Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse
Olhar, que se abre para o céu, e não vê nada!...



IX

A UM VELHO

Por suas proprias mãos armado cavalleiro,
Na cruzada em que entrou, com fé e mão segura,
Fez um cerco tenaz ao redor do Dinheiro,
E o colheu, a cuidar que colhia a Ventura.

Moço, no seu viver errante e aventureiro,
O peito abroquelou dentro de uma armadura ;
Velho, a paz vê chegar do dia derradeiro
Entre a abundancia do ouro e o tedio da fartura.

No amor, de que é rodeado, adivinha e presente
O interesse que o move, o anima e o faz ardente;
Foge porisso ao mundo e busca a solidão.

O passado feliz o presente lhe invade,
E vive de gosar a pungente saudade
Das noites sem abrigo e dos dias sem pão.



X

CREPUSCULO

A Maria Clara da Cunha Santo.

Todas as cousas têm o aspecto vago e mudo
Como se as envolvesse uma bruma de incenso ;
No alto, uma nuvem, só, num nastro largo e extenso,
Precinta do céu calmo a cariz de velludo.

Tudo : o campo, a montanha, o alto rochedo agudo
Se esfuma numa suave agua-tincta... e, suspenso,
Espalhando-se no ar, como um nevoeiro denso,
Um tom neutro de cinza empoeirando tudo.

Nest'hora, muita vez, sinto um molle cansaço,
Como que o ar me falta e a força se me exgota...
Som de Angelus, moroso, a rolar pelo espaço...

Neste lethargo que, pouco a pouco, me invade,
Avulta e cresce dentro em mim essa remota
Sombra da minha Dor e da minha Saudade.



XI

A ONDINA

Rente ao mar, que soluça e lambe a praia, a ondina,
Solto, ás brisas da noite, o aureo cabelo, nua,
Pela praia passeia. A alvacenta neblina
Tem reflexos de prata á refracção da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina
Rôta, pompeia no ar a vela, que fluctua.
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,
Empola-se espumante, á praia vem, recúa...

E surdindo da treva, um monstro negro, fito
O olhar na ondina, avança, embargando-lhe o passo...
Ella tenta fugir, soffoca o choro, o grito...

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,
Roja-se aos pés da ondina e esconde-a no regaço,
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.



XII

PAIZAGEM

Dorme sob o silencio o parque. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finissimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfacto,
Pelas alas sem fim das arvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em scismas, tristemente, um alvissimo ganso
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro crystal do limpido regato.

Nenhuma ave sequer sobre a macia alfombra
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã sob a nocturna sombra.

E enquanto o ganso vae, abstracto em scismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céu camandulas de estrelas...



XIII

V E N U S

A Victor Silva.

Grave e branca, de pé num bloco de Carrara,
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encarã.

Um sopro, um quê de vida o genio lhe insuflára ;
E impassivel, de pé, mostra em toda a brancura,
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,
A magestade real de uma belleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
De Minerva marcial que pelo gladio arranca,
Julgo vel-a descer lentamente do throno,

E, na mesma attitude a que a insolencia a obriga,
Postar-se á minha frente, impassivel e branca,
Na fria perfeição da formosura antiga.



XIV

SONHO AFRICANO

A João Ribeiro.

Eil-o em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla; a um canto, um velho e hervado fimbo;
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinabrio em torno á carapinha densa.

Estira-se no chão... Tanta fadiga e doença!
Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo
Na bocca, nessa meia escuridão de limbo,
Molle, semicerrando os dubios olhos, pensa...

Pensa na patria, além... As florestas gigantes
Se estendem sob o azul, onde, cheios de magua,
Vivem negros reptis e enormes elephantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquillos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,
Em compacto apertão, os velhos crocodillos...



XV

RUSTICA

Da casinha, em que vive, o reboco alvacento
Reflecte o ribeirão na agua clara e sonora.
Este é o ninho feliz e obscuro em que ella mora;
Além, o seu quintal, este, o seu aposento.

Vem do campo, a correr; e humida do relento,
Toda ella, fresca do ar, tanto aroma evapora,
Que parece trazer comsigo, lá de fóra,
Na desordem da roupa e do cabello, o vento...

E senta-se. Compõe as roupas. Olha em torno
Com seus olhos azues onde a innocencia boia;
Nessa meia penumbra e nesse ambiente morno,

Pegando da costura á luz da claraboia,
Põe na ponta do dedo em feitio de adorno,
O seu lindo dedal com pretensão de joia.



XVI

MAHABARATA

Abre esse grande poema onde a imaginativa
De Vyasa, num fragor echoante de cascata,
Tantas façanhas conta, e dessa estrenua e diva
Progenie de Pandú tantas glorias relata !

Ora Kansa, a suprema encarnação do Siva,
Ora os suaves perfis de Krichna e de Virata
Perpassam, como heróes, numa onda reversiva,
Nas estrophes caudaes do grande Mahabarata.

Olha este incendio e pasma; aspecto bello e triste!
Caminha agora a passo este deserto areoso...
Por cima o céo immenso onde palpitam sóes...

Corre tudo, offegante, e, finalmente, assiste
À ascensão de Iudhishthira ao suarga luminoso
E á apotheose final dos ultimos heróes.



XVII

RAINHA DAS AGUAS

A Alberto de Oliveira.

Mar fóra, a rir, da bocca o fulgido thesouro
Mostrando, e sacudindo a farta cabelleira,
Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira,
Na esguia concha azul orladurada de ouro.

Rema, á pôpa, um tritão de escameo dorso louro ;
Vão á frente os delfins ; e, marchando em fileira,
Das ondas a seguir a luminosa esteira,
Vão cantando, a compasso, as piérides em coro.

Crespas, cantando em torno, as vagas, á porfia,
Lambem de pôpa á prôa o casco á concha esguia,
Que prosegue, mar fóra, a infinda róta, afana;

E, no alto, o louro sol, que assoma, entre desmaios,
Saúda esse outro sol de coruscantes raios
Que orna a cabeça real da bella soberana.



XVIII

INVERNO

A João Luso.

Outr'ora, quanta vida e amor nestas formosas
Ribas! Quão verde e fresca esta planície, quando,
Debatendo-se no ar, os passaros, em bando,
O ar enchiam de sons e queixas mysteriosas!

Tudo era vida e amor. As arvores copiosas
Mexiam-se, de manso, ao resfolego brando
Da brisa que passava em tudo derramando
O perfume subtil dos cravos e das rosas...

Mas veio o inverno; e vida e amor foram-se em breve...
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...
As arvores do campo, enroupadas de neve,

Sob o látigo atroz da invernã que corta,
São esqueletos que, de braços levantados,
Vão pedindo socorro á primavera morta.



XIX

EM SONDA

Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,
A *boa* espia... Em cima estende-se a folhagem
Que um vento manso faz oscillar, de onda em onda,
Com a sua nocturna e amorosa bafagem.

Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,
Desde a copa da faia á esplendida pastagem ;
O ophidiano, escondido, olhos abertos, sonda...
Vae passando, tranquillo, um bufalo selvagem.

Segue o bufalo, só... mas suspende-lhe o passo
O ophidiano cruel que o ataca de repente,
E que o prende, a silvar, com suas roscas de aço.

Tenta o pobre lutar ; os chavelhos enresta ;
Mas tomba de cansaço e morre... Tristemente
No alto se esconde a lua, e cala-se a floresta...



XX

A CAÇADA

A Valentin Magalhães.

Ao mirante gentil de construcção bizarra
Acabou de subir naquelle mesmo instante
Em que o seu noivo foi á caça ; e, palpitante,
Lá fóra cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estrídula cigarra,
Ella vae ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que ha de soffrer quando estiver distante...

E dorme, vendo o sol que, através de uma escassa
Nuvem branca, illumina as ingremes encostas
Onde aos saltos rabeia a matilha da caça ;

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda ás costas,
Lhe offerta uma porção de passaros feridos...



XXI

NO CAMPO

A Max Fleiuss.

Olhos chorosos sob as negras sobrancelhas,
Costas abaixo solta a negra trança basta,
A camponia vae guiando, a picadinhas d'hasta,
Um rebanho gentil de candidas ovelhas.

Uma junta de bois morosa, em meio á vasta
Nava, arrastando vae umas charrúas velhas...
E escutando o raspar monotono das rélhas,
Queda-se na planicie um grande boi, que pasta...

E some-se o rebanho. Uma sombra fluctuante
Paira sobre a extensão da planície, distante...
Na espessura a camponia esconde-se depois.

E, ao longe, sob o céu, como uma prece estranha
Que desperta a mudez do campo e da montanha,
Chora no ar o mugir dos fatigados bois.



XXII

NOCTURNO

Pesa o silencio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funereo
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio...
Á frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos do psalterio
Ouvem-se. O morto vae numa rede suspenso ;
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço ;
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.

Uma ave canta ; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se ilumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça ; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima delle, em silencio, fluctua
O lausperenne mudo e súplice das almas.



XXIII

A NOITE

A Wenceslau de Queiroz.

Um vento fresco e suave entre os pinhaes murmura ;
A Noite, aos hombros solta a desgrenhada coma,
No seu plaustro de crepe, entre as nuvens, assoma...
Tornam-se o campo e o céo de uma cor mais escura.

Um novo aspecto em tudo. Um novo e bom aroma
De láthyros exhala a amplissima verdura.
Num hausto longo, a Noite, aos ares a frescura
Doce, entre-abrindo a flor dos negros labios, toma...

Por valles e rechãs caminha, passo a passo,
Attento o ouvido, á escuta... E no seu plaustro enorme
Cujó rumor desperta a placidez do espaço,

Á encantada região das estrellas se eleva...
E, ao ver que dorme o espaço e o mundo inteiro dorme,
Volve, quieta, de novo, á habitação da treva.



XXIV

AURORA



Mensageira da luz, a brisa corre. A aurora
Do seu leito real de tyro se levanta.
Toda a campina acorda em festa. Cada planta
Mostra o sorriso ideal da matutina flora.

Um cheiro doce e fresco a verdura evapora.
A araponga, afinando a matinal garganta,
Grita ; um passaro geme ; a patativa canta...
Todo o campo é uma orchestra harmonica e sonora.

Vara o diaphano véo da alvissima neblina
Uma setta de sol. E a floresta, a campina,
Ainda cheias de luz de um pallido arrebol,

Descortinam-se. E em pouco, a campina, a floresta,
Cheias do riso bom da natureza em festa,
Palpitam sob a luz fecundante do sol.



XXV

A UM POETA

Poeta, quando te leio, a angustia dolorida
Que te mina a existencia e que em teu peito impera,
Faz-me tambem soffrer, d'alma se me apodera,
Como se da minh'alma ella fosse nascida.

Sinto o que sentes : ora a lagrima sincera
Que foi pela saudade ou pelo amor vertida,
Ora a magua que habita em tua alma — guarida
Onde a negra legião das maguas se agglomera . . .

Não ha nos versos teus um sentimento alheio
A' dor ; nelles se encontra a aspereza das fraguas,
Ha nelles ora o suave e módulo gorgείο

Das aves, ora a queixa harmoniosa das aguas ...
Leio os teus versos ; e, em minh'alma, quando os leio,
Vae gemendo, em surdina, a musica das maguas ...



XXVI

Á N O I T E

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra;
Olhos fitos no vacuo, a amiga penna em pouso,
Eis-me, pois, a pensar... De antro em antro, de serra
Em serra, echoa, longo, um *requiem* doloroso.

No alto uma estrella triste as palpebras descerra,
Lançando, noite dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra
Um morbido languor de calma e de repouso...

Em noite escura assim, de repouso e de calma,
E' que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

E' que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
Antegosando já chimeras presentidas
Que mais tarde hão de vir com o decorrer dos annos.



XXVII

NATUREZA

Um continuo voejar de moscas e de abelhas
Agita os ares de um rumor de azas medrosas;
A Natureza ri pelas boccas vermelhas
Tanto das flores más como das boas rosas.

Por contraste, has de ouvir em noites tenebrosas
O grito dos chacaes e o pranto das ovelhas,
Brados de desespero e phrases amorosas
Pronunciadas, a medo, á concha das orelhas...

Ó Natureza , ó Mãe perfida ! tu, que crias,
Na longa sucessão das noites e dos dias,
Tanto aborto, que se transforma e se renova,

Quando meu pobre corpo estiver sepultado,
Mãe ! transforma-o tambem num chorão recurvado
Para dar sombra fresca á minha propria cova.



XXVIII

ANGELUS

A Felinto d'Almeida.

Desmaia a tarde. Além, pouco e pouco, no poente,
O sol, rei fatigado, em seu leito adormece:
Uma ave canta, ao longe; o ar pesado estremece
Do Angelus ao soluço agoniado e plangente.

Psalmos cheios de dor, impregnados de prece,
Sobem da terra ao céu numa ascensão ardente.
E enquanto o vento chora e o crepusculo desce,
A Ave Maria vae cantando, tristemente.

Nest'hora, muita vez, em que fala a saudade
Pela bocca da noite e pelo som que passa,
Lausperenne de amor cuja magua me invade,

Quizera ser o som, ser a noite, ebria e douda
De trevas, o silencio, esta nuvem que esvoaça,
Ou fundir-me na luz e desfazer-me toda.



XXIX

A UM ARTISTA

Mergulha o teu olhar de fino colorista
No azul : medita um pouco, e escreve ; um nada quasi :
Um trecho só de prosa, uma estrophe, uma phrase
Que patenteie a mão de um requintado artista.

Escreve ! Molha a penna, o leve estylo enrista !
Pinta um canto de céo, uma nuvem de gaze
Solta, brilhante ao sol ; e que a alma se te vase
Na copia dessa luz que nos deslumbra a vista.

Escreve!... Um céu ostenta o matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paisagem...

Uma ave banha ao sol o esplendido plumacho...
Num recanto de bosque, a lamber os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...



XXX

MUSA IMPASSIVEL

I

Musa ! um gesto sequer de dor ou de sincero
Lucto jámais te afeie o candido semblante !
Deante de um Joh, conserva o mesmo orgulho; e deante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lagrima ; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma ; a estrophe limpa e viva ;

Versos que lembrem, com os seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.



II

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca !
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca !
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chamma lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, atravez das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróes do grande mundo antigo.

6





NUMEROS DO
INTERMEZZO

DE HENRICH
HEINE



I

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida,
 Teu coração, querida,
Me palpitou no coração ardente?
Teu coração de leve mariposa
 Esvoaçante e terrena,
Tão pequeno e tão falso, que outra cousa
Não pôde haver mais falsa e mais pequena!

E, de certo, tambem já te esqueceste
Do pesar e do amor
Com que tu me prendeste
O coração num circulo de dor.
Pesar e amor! ambos me fazem doente,
Ambos me são do pranto
Incentivos fataes ;
E não sei, entretanto,
Se aquelle póde ser maior do que este,
Pois sei apenas que ambos, igualmente,
Já são grandes de mais.



II

Meus cantos, cujo threno
Minh'alma escuta, amargurada e triste,
São repassados de lethal veneno :
De outra f3rma n3o p3de ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo threno
Qualquer sorriso em lagrimas transforma,
São repassados de lethal veneno ;
Não póde ser, emtanto, de outra fórma,
Porque, em meio das cousas mais singelas
Que tenho n'alma, agitam-se, frementes,
Implacaveis serpentes...
E tu, formosa amante, és uma dellas !



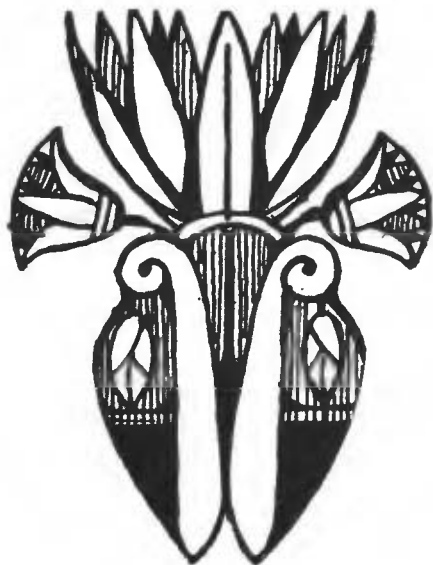
111

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.
E caminhando eu vou pela floresta espessa,
 Rompendo a cerração.
As ramagens abalo, as arvores sacudo:
Ellas movem de leve a rórida cabeça,
 Num ar de compaixão.

IV

Floresta afóra, além, no encontro das estradas,
Suicidas, sem descanso,
Agitam-se no horror das covas profanadas.
Perto, uma flor azul desabrocha de manso :
Dão-lhe o nome de flor das almas condemnadas.
Certa vez eu lá fui. A noite estava fria,
O espaço mudo estava.
A' beira de uma cova a flor azul tremia,
E entre nuvens de crepe, a lua, que passava,
Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.

O MERGULHADOR





O MERGULHADOR

(Idéa de Murger)

Querendo mais um astro em seu cabelo, a clara
Rainha assim falou : “Desce ao mar e passeia
Por esse amplo palacio onde canta a sereia,
E traz-me lá do fundo a perola mais rara”.

E o bom mergulhador, em busca do thesouro,
Desce, passeia o olhar pela amplidão marinha :
Acha a perola, e offerta-a á formosa rainha
Numa caixinha azul vermiculada de ouro.

O poeta é assim também : se teu capricho, instante,
Requer, Senhora, um verso, unicamente um verso,
Mas um verso perfeito, aureo, sonoro e terso,
Que diga a tua ideal formosura radiante,

Ao fundo da su' alma immaculada e santa,
Undoso plaino azul, vasto mar onde boia
O dourado palacio onde a sereia canta,
Mergulha, e vae buscar a desejada joia.



AGUARELLA



Cheio de folhas, humido de orvalho,
Fresco, á beira de um córrego, crescia
Lindo pé de roseira em cujo galho
 Uma rosa sorria.

O orvalho matinal, que o beija e molha,
Desce de cima em brancas nevoas finas,
E todo o pé salpica, folha a folha,
 De gottas pequeninas.

Beija-o o tímido zéphyro, que passa,
O grupo de phalenas que anda á tôa,
A borboleta clara, que esvoaça,
E o passaro, que vôa.

Uma moça gentil sentiu aneio
De possuir essa rosa e teve magua
De não poder colhel-a, com receio
De molhar os pés n'agua.

A roseira agitou a fronde opima,
Estremeceu, embriagada e douda,
Sob os raios do sol que lá de cima
A illuminavam toda.

A moça foi-se; o ar estava morno;
Mansamente o crepusculo descia;
Uma abelha zumbiu da rosa em torno;
Lento, expirava o dia...

Porém ness'hora a ventania brava
Que veio do alto impetuosamente,
Arranca a flor ao ramo em que se achava
E joga-a na corrente.

E a flor cahiu em meio do riacho;
Do vento rijo foi soffrendo o açoite,
E escorregando em prantos, agua abaixo,
Na tristeza da noite.

Nenhuma flor poude salvar-lhe a vida :
Á agua desceram entretanto algumas ;
E a flor morreu aos poucos, envolvida
Num circulo de espumas.

V I S ã O



Eu sonhava talvez. Talvez sonhando
Estivesse nessa hora abençoada,
Em que do céu, tranquilla, a vi baixando
Por uma grande e luminosa escada.

Havia em tudo as silenciosas maguas
Das noutes de luar... Pallida e nua,
Vagava pelo céu a branca lua
Tremendo toda no bulir das aguas...

Vendo-a nem vi os asperos abrolhos
Em que meus pés iam sangrando... E vi-a
Nessa attitude de quem ama, os olhos
Claros e azues postos nos meus... E ria...

Não sei que vago sonho, que ventura
De amor sonhei naquelle olhar celeste...
Vi-a envolvida numa fina veste
De vaporosa e immaculada alvura.

Desde o dia em que a vi, não sei que extranha
Felicidade me acalenta e acalma ;
Vejo-a ao meu lado, sinto-a dentro d'alma ;
Ella por toda a parte me acompanha.

Hei de encontral-a ainda uma vez ; mas onde ?
Em que plaga risonha, em que infinita
Patria encantada essa visão habita
Que á minha voz sandosa não responde ?

1890.

M ã E

—

Embora a magua a afflija e a sorte a opprima,
O seu amor, como celeste esmola,
É um perfume subtil que se lhe evola
Do peito, e sobe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,
Quando, pelo meu rosto, o pranto rola !
Ninguem, como ella, a minha dor consola,
Ninguem, como ella, o meu pesar lastima.

Julgo-me só e chamo-a... ella não tarda ;
Volta, acode-me, alegre ; e, num momento,
Desfaz a dor que o coração me enlucta.

Ella é a mais fiel, a mais constante guarda
Que, no meio da noite, o ouvido attento,
O meu suspiro entrecortado escuta.



DE CHRYSOSTOMO MEDJID

(Poeta turco contemporaneo)

Quando estiveres triste, ou quando presa
Estiveres de um mal que te afadiga,
Não é preciso que teu labio diga
Quaes as causas do mal ou da tristeza.

Se estiveres alegre, achando gosto
A tudo, alegre e sã, não é preciso
Que me contes a causa do sorriso
Que te poz um clarão em todo o rosto.

Olha-me só: e eu te direi se calma
Estás, ou se te afflige algum receio...
Teu olhar é uma pagina onde leio
O que se passa dentro de tu' alma.



AMOR DESCOBERTO

(do Conde de Marcellus, poeta grego)

Quando molhei num beijo a face tua,
(Era já noite) quem nos viu ness'hora ?
Viu-nos a escura noite, a branca aurora,
A loura estrella e a prateada lua . . .

Baixou-se a estrella e disse-o ao mar, absorta ;
O mar ao remo, o remo ao marinheiro,
E este, alta noite, sob o nevoeiro,
Cantou-o, então, da sua noiva á porta.

A FLORISTA

Suspensa ao braço a grávida corbelha,
Segue a passo, tranquillá... O sol faisca...
Os seus carmineos lábios de mourisca
Se abrem, sorrindo, numa flor vermelha.

Deita á sombra de uma árvore. Uma abelha
Zumbe em torno ao cabaz... Uma ave, arisca,
O pó do chão, pertinho della, cisca,
Olhando-a, ás vezes, tremula, de esguelha...

Aos ouvidos lhe sôa um rumor brando
De folhas... Pouco a pouco, um leve somno
Lhe vae as grandes palpebras cerrando...

Cae-lhe de um pé o rustico tamanco...
E assim descalça, mostra, em abandono,
O vultinho de um pé macio e branco.

1890.



INCONSOLAVEIS

Almas, porque choraes, se ninguem vos responde?
Almas, porque? Deixae as lágrimas! empós
Do Ideal correi, correi para outras plagas, onde
Não exista ninguem que escarneça de vós.

Lança o vosso olhar a longinquas paragens,
Bem distantes daqui, cheias de ideaes risonhos,
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,
Passem cantando ao longe a musica dos sonhos...

Ide a outras plagas onde estas miserias todas
Não consigam deixar o minimo signal,
Paragens onde, em meio ás delirantes bodas
Dos sonhos e do amor, exhulte e cante o Ideal...

Mas, não, almas ! soltae a vossa queixa triste;
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa;
Essa terra do Ideal, ó almas, não existe;
Inventei-a sómente, e invental-a não custa.

Pobres almas, lançae em torno a vossa vista:
Sempre haveis de encontrar essa miseria atroz.
Almas, chorae, que embora esse paiz exista,
Nelle ha de haver alguém que escarneça de vós.

1893.

P E R F I D A

Disse-lhe o poeta : “Aqui, sob estes ramos,
Sob estas verdes laçarias bravas,
Ah ! quantos beijos, tremula, me davas !
Ah ! quantas horas de prazer passámos !

Foi aqui mesmo, — como tu me amavas !
Foi aqui, sob os humidos recamos
Desta ramagem, que uma rede alçámos
Em que teu corpo, molle, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto
De ti. Que goso então ! Mas, pouco a pouco,
Todo esse amor calcaste sob os pés.”

“Mas, disse-lhe ella, quem és tu ? De certo,
Essa mulher de quem tu falas, louco,
Não, não sou eu, porque não sei quem és...”



DE JOELHOS

Á Santa Thereza.

Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no tecto presa,
Como que imita a tristeza
Daquelle cirio tremulo e frouxo...

E assim, mostrando todo o desgosto
Que sobre sua alma pesa,
Ella reza, reza, reza,
As mãos erguidas, pallido o rosto...

O rosto pallido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no outro-mundo
De outros mysterios e de outras vidas...

Implora a Christo, seu Casto Esposo,
Numa prece ou num transporte,
O termo final da morte,
Para descanso, para repouso...

Psalmos doridos, cantos aereos,
Melodiosos gorgeios
Roçam-lhe os ouvidos, cheios
De mysticismos e de mysterios...

Reza de manso, reza de manso,
Implorando ao Casto Esposo
A morte, para repouso,
Para socego, para descanso

D'alma e do corpo, que se consomem,
Num desanimo profundo,
Ante as miserias do mundo,
Ante as miserias tão baixas do Homem !

Quanta tristeza, quanto desgosto
Mostra n'alma aberta e franca,
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pallido o rosto...

O rosto pallido, as mãos erguidas,
O olhar choroso e profundo,
Parece estar no outro mundo
De outros mysterios e de outras vidas...

DE VOLTA DA GUERRA

Aqui me vou... Quanta aflição me invade !
Andando a passo, vagarosamente...
Oh ! que angustiosa, que intima saudade
Da minha gente !

O céu é negro, o passaredo, mudo ;
O ambiente que me envolve, tão pesado !
Como tudo está triste, como tudo
Tão transformado !

Esta estrada que sigo é longa e recta,
Pedregosa, sem fim e sem abrigo,
E eu caminho por ella, de muleta,
 Como um mendigo.

Quando fui para a guerra, o sol nascia ;
Fiquei com os olhos humidos de pranto :
Minha esposa, meus filhos nesse dia
 Choraram tanto !

Abandonei a minha pobre terra ;
E marchei, sem descanso e sem repouso,
Mas sentindo-me então, antes da guerra,
 Victorioso.

Desci montanhas e galguei encostas,
Andei á margem dos despenhadeiros,
Avante sempre, carabina ás costas,
 Com os companheiros.

Tive amarguras fundas e pesares,
Em companhia dos fieis soldados,
Sobre terras extranhas, sobre mares
Encapellados.

E parti para a guerra ; mas a sorte
Pródiga e incerta, má e vacillante,
Poupou a minha vida expondo-a á morte
A todo instante.

A guerra durou annos ; foi renhida ;
Longa, tão longa, que a julguei eterna ;
Uma bala, afinal, passou, perdida,
Partiu-me a perna.

E aqui me vou por esta estrada recta,
Recta e longa, sem fim e sem abrigo,
Esfarrapado, fraco, de muleta,
Como um mendigo.

DONA ALDA

(Lied)

Hoje Dona Alda madrugou. Ás costas
Solta a opulenta cabelleira de ouro,
Nos labios um sorriso de alegria,
Vae passear ao jardim; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
Saúdam-na: "Bom dia!"
Dona Alda segue... Segue-a uma andorinha;
Com seus raios de luz o sol a banha;
E Dona Alda caminha...

Uma porção de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante,
O seu olhar fulgura.
Mas — que cruel! — ao dar um passo adiante,
Emquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de lactea alvura!
E este, sob os seus pés, inda murmura:
“Obrigado, Dona Alda”!



A PRIMAVERA

Desponta clara a manhã ;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando,
Numa alegria louçã.

A primavera derrama
Uma agradável frescura
Sobre a nascente verdura ;
Dá côr ás flores na rama.

O ar festivo do arrebol
Dá-nos as bellas primicias
Das esplendidas caricias
Dos dias claros de sol.

Nasce a rosa ; brota a espiga ;
O boi vae para o trabalho ;
A abelha, de galho em galho,
De grão em grão, a formiga.

A linda e fresca estação
Vae afugentando em cima
A nuvem que se approxima
Como densa cerração.

De pé, em meio á pastagem,
O zagal saúda a aurora
Com a harmonia sonora
Da sua fruta selvagem.

Vaccas, que estão a pastar,
Em grupos, pelas campinas,
Respiram pelas narinas
A doce frescura do ar.

Camponios, mal nasce o dia,
Com as enxadas às costas,
Lá vêm descendo as encostas
Para as labutas do dia.

Já despontou a manhã ;
Os passarinhos em bando
Cortam os ares, cantando,
Numa alegria louçã.

A UMA CRIANÇA

(Imitação de Hugo)

Vous, qui ne savez pas combien l'enfance est belle,
Enfant ! n'enviez point notre âge de douleurs...

VICTOR HUGO.

Choras, criança, mas chorar não deves ;
Entre a velhice e as tuas horas leves
 E' pequena a distancia ;
 Choras debalde ; choras,
Porque não sabes, flor, quanto são breves
 Da humana vida as horas,
Porque não sabes quanto é bella a infancia !

Tu, cuja vida é um suave paraíso
 Adornado de flores,
Da nossa vida misera, de dores
 Amargas e revezes,
Nunca invejes o jubilo indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, ás vezes,
 Do que o nosso sorriso.
 Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas,
Nessas tuas manhãs de eternas galas;
Nunca as desfolhes, gárrula creança,
 Deixa-as em paz, descança,
Deixa que o tempo venha desfolhal-as.



M U D E Z

Já rumores não ha, não ha; calou-se
Tudo. Um silencio deleitoso e morno
Vae-se espalhando em torno
A's folhagens tranquillias do pomar.

Torna-se o vento cada vez mais doce...
Silencio... Ouve-se apenas o gemido
De um pequenino passaro perdido
Que ainda espaneja as suas azas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o silencio, o grande
Silencio feito só de sombra e calma.

Onde, ás vezes, noss'alma,
Penetrada de maguas e de dor,
Se dilata, se expande,
E seus segredos intimos mergulha...
Prolonga-se a mudez : nenhuma bulha ;
Já se não ouve o minimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que fala
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos
Não conseguem ouvir esses gemidos
Que ella derrama, á noite, sobre nós)

Á alma de quem se embala
Numa saudade mystica e tranquilla...
Nossa alma apenas é que pode ouvir-a
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tacita e celeste
Que este silencio fala a ti, tão triste...
E has de lembrar o dia em que tu viste
Perto de ti, pela primeira vez,

Alguem a quem disseste
Uma phrase de amor, de amor... ó louca !
E que, no entanto, só mostrou na bocca
A mais brutal e ironica mudez !

1890.



PRANTO DE LUAR

No longo espasmo do silencio, alegre e franca,
A alma dos ventos, ao luar, murmura e fala :
A sombra corre, e tu, lua formosa e branca,
Derramas pelo chão claras manchas de opala.

Eras mortas de amor ! Ah ! quem te dera tel-as !
Cessaria, de novo, o teu soluço afflicto !
Eras em que, sonhando, a sós, sob as estrellas,
Tu passavas com elle através do infinito...

Mas, uma noite, o espaço todo ornado em festa,
Teu esposo partiu, emfim... (Quanto desgosto!)
E dessa desventura extrema ainda te resta
A grande pallidez que te illumina o rosto.

Partiu... Talvez que volte aos lares... Mas enquanto
Elle não volta, em vão o esperas nessa trilha;
Ficas pallida e triste, e choras; o teu pranto
Desce á terra e, ao descer, torna-se luz e brilha.

Chora, infeliz. O pranto as maguas attenúa.
Nunca te cances, dentre as nuvens, de chorar.
Se não chorasses, não teríamos, ó lua,
A poesia sem fim das noites de luar.

1893.

•
NOITE DE INVERNO

Nunca vi noite como esta agora :
Ai ! como é negra, como é sombria...
Fechae as portas á ventania
Que vem de fóra.

Passa a rajada cortante e fria ;
Correm de brumas compridas levas ;
Que noite escura ! brumas e trevas...
Ave, Maria !

Inquiro as sombras, o ouvido aguço.
E ouço, medrosa, de quando em quando,
Um como choro tremulo e brando
 Como um soluço.

Como é pungente pensar que um bando
De pobresinhas creanças nuas
Corre nest'hora ruas e ruas
 Choramigando !

E eu tenho leitos, boas flanellas,
Fogão acceso, carne em tressalhos :
Ai ! se eu pudesse dar agasalhos
 A todas ellas !

E tenho sustos, o frio corta ;
Quero as janellas muito fechadas ;
Vejo phantasmas, ouço pancadas
 Ferindo a porta.

Genios nocturnos, em negro bando,
Calmos e tristes sob as rajadas,
Andam, de certo, pelas estradas
Somnambulando.



BALLADA

“Eu vou partir. A noite já desmaia.
Parto: por isso, candida princeza,
Venho beijar as mãos á Vossa Alteza...
Botes e náos esperam-me na praia.

Tenho, de certo, de soffrer azares,
Dores soffrer; mas hei de, com denodo,
Pugnas vencer e conquistar de todo
Terras extranhas e remotos mares...

Não sei se morrerei ; mas se, princeza,
Através de procellas e de escolhos,
A negra morte me fechar os olhos,
Eu morrerei pensando em Vossa Alteza.

Mas, forçoso é partir ; adeus, senhora..."
"Conde, adeus..." murmurou, baixando a fronte.

A noite desmaiava. No horisonte
Já se movia o sequito da aurora.

E ella, a princeza, immersa num lethargo,
Ficou olhando a vastidão do oceano.

Rompeu, enfim, o sol. E, a todo o panno,
A aventureira não se fez ao largo...

1893.

V I D A

—

Genero triste de comedia, a vida :
Dividida em dois actos ou dois tomos,
Onde comparsas mais ou menos somos
Desde o primeiro ponto de partida.

Feliz daquelle que na mão erguida
Mostra do goso os sezonados pomos ;
Desses não fui, não foste e nunca fomos..
Pobre de mini, pobre de nós, querida !

Mas nem sempre se chora, orphã ou viuva ;
Rimo-nos, sem que nada nos contenha...
É uma restia de sol depois da chuva.

Prolonguemos assim essas tão puras
Alegrias até que a morte venha
Cortar o fio ás nossas amarguras.

1890.



INVERNO



Inverno. A neve fluctua,
Cae sobre tudo e se espalha,
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

O vento causa arrepio
Aos medrosos passarinhos,
Que se encolhem em seus ninhos
Desesperados de frio.

O vento assovia e chora ;
Ha como um coro de maguas
No borbório das aguas
Que descem campina fóra.

Mata a neve cada arbusto ;
Rola dos ares, desfolha
As arvores, folha a folha,
Que se arrepiam de susto.

No céu ha nuvens sombrias ;
As roseiras das estradas
Estão todas desganhadas
A' furia das ventanias.

O inverno é feio e inclemente ;
Um velho mastim vadio
Todo transido de frio
Uiva ao céu sinistramente.

Não ha calor nem conforto ;
Não ha rumor nem gorgueio ;
Tudo parece tão feio !
Parece que tudo é morto !

De neve tudo coberto ;
Os ventos correm ás doudas ;
Das quatro estações, de todas,
O inverno é a peor, de certo.

A neve desce, fluctua,
Cae sobre tudo e se espalha
Como uma branca toalha
Sobre a estrada immensa e nua.

AS DUAS IRMÃS



Vem a primeira e fala-lhe em segredo :
"Amiga, vê (nem sei como isto conte !)
Como correm as aguas desta fonte :
Tal corre a vida, e acaba-se tão cedo !

Ama, pois !" A segunda, em cuja fronte
Brilha um raio de luz, murmura, a medo,
Apontando-lhe o chão : "Este é o degredo
Perpetuo e atroz do teu amor insonte.

Comtudo, espera". E somem-se a Esperança
E a Saudade. E ella fica, como douda,
A olhar o rasto dessas deusas bellas...

E ella fica esperando-as. Cança, cança
De esperal-as assim a vida toda,
Sem jamais receber noticias dellas!

1893.



CALME DE LA MER

(Lied de Gœthe)

I

Tranquillo, o mar não canta nem ondeia ;
O nauta, immerso n'outro mar de maguas,
Os olhos tristes e humidos passeia
Pela tranquilla quietação das aguas.

A onda, que dorme quieta, não espuma ;
O austro, que sonha placido, não canta ;
E em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.

LIED CICILIEN

(de Gæthe)

II

Olhos ! que ateaes os corações e a guerra,
Olhos, quando piscaes, olhos de brazas,
Muralhas abalroam, caem casas,
E enormes paredões rolam por terra !

Assim, a um golpe rapido de vista,
Esta debil e tremula muralha,
Dentro da qual meu coração trabalha,
Como quereis, dizei-me, que resista ?

ALMA E DESTINO

Alma do homem, como te assemelhas á onda !
Destino do homem, como te assemelhas ao vento !

GETHE.

A alma do homem é como a onda, que erra
Sempre, espumosa ou lisa, ao vento afeita ;
Vem do céu, sóbe ao céu e desce á terra,
Segundo a lei a que nasceu sujeita ;

Contra o vento que chega se revolta ;
Ergue-se, espuma, do alto se despenha ;
O vento, que a soprou, passa e não volta...
E a vaga espera que outro vento venha...

Vem outro... mais feroz e mais violento...
Ella cresce de novo e se arredonda...
Alma do homem, como és igual á onda !
Como és igual, destino humano, ao vento !



O RIBEIRINHO

A Olavo Bilac.

O arroio fresco, em remanso,
De curva em curva, em marulhos,
Num leito de pedregulhos
Escorregava de manso

Em quedas lentas e bolhas
Sob a arqueada galeria
Da folhagem, que o cobria
Com um tecto verde de folhas.

E bocejava de somno
Entre a douda garridice
Dos roseirae da planice,
Num descançado abandono.

Valle abaixo, sem esforço,
Folhas levava e raizes,
Como embarcações felizes
Que lhe singravam o dorso.

Á tarde, em vôo ligeiro,
Vinhã, as azas ruflando,
Os passarinhos em bando
Beber d'agua do ribeiro.

Assim vivia o riacho,
Dando de beber ás aves,
Descendo em giros suaves
Campos e valles abaixo.

Mas chorava a todo instante,
Tinha desgostos e maguas
Por não possuir tantas aguas
Como um affluente gigante.

Queria ser como os rios
De grossas aguas redondas,
Que podem erguer nas ondas
Embarcações e navios ;

Ser um rio soberano
Que terras alaga, invade,
E em noites de tempestade
Tem vagalhões de oceano.

E penetrado de dor,
Soltando queixas e maguas,
Vae levando suas aguas
Pelas campinas em flor.

CARLOS GOMES



Essa que plange, que soluça e pensa,
Amorosa e febril, tímida e casta,
Lyra que raiva, lyra que devasta,
E que dos próprios sons vive suspensa,

Guarda nas cordas uma escala imensa,
Que, quando rompe, espaço fóra arrasta
Ora do mar as queixas, ora a vasta
Sussurração de uma floresta densa.

Eil-a muda ; mas tal intensidade
Teve a musica enorme do seu choro,
O diluvio orchestral dos seus lamentos,

Que, muda assim, rotas as cordas, ha de
Para sempre vibrar o ecco sonoro
Que su'alma lançou aos quatro ventos.



HUMANIDADE REDIMIDA

O Homem era captivo. A Humanidade, escrava,
Arrastava da Lei as pesadas correntes ;
É o verbo de Jeovah, colerico, ameaçava
Entre nuvens de fogo e entre sarças ardentes.

Misero, condemnado a infindavel degredo,
O Homem, nas afflicções e nos transe da dor,
Tinha, a apertar-lhe a gorja, a gollilha do medo,
Tinha, a prender-lhe os pés, os grilhões do terror.

A todos punha a Lei no mesmo baixo nivel ;
Todos achavam só, em meio da desgraça,
Para os erros da Fé — o anáthema terrível,
Para as faltas da vida — uma perpetua ameaça.

E os prophetas de Deus, com sua voz ardente,
Como quem vae lançando as sementes ao chão,
Espalhavam assim a maldita semente
De que o Homem colheria o envenenado pão.

Mas, um dia, o clamor dos prophetas calou-se.
Do alto a Luz irradiou em jorros, mal contida,
E o Templo do Senhor numa tremura doce
Correu, desde o alicerce á altiva torre erguida.

Tinha nascido enfim o Verbo feito Exemplo,
A cuja mansa voz de perdão e de dó,
Se foi desmoronando o velho e aspero Templo :
De ruinas que era então, fez-se um monte de pó.

Christo tinha nascido; e com elle a bondade
Nas almas, e no lar do christão a concórdia ;
E desde então abriu-se a toda a Humanidade
A era feliz da Paz e da Misericórdia.



DE VOLTA

Mais encanto que a mais populosa cidade,
Dentre tantas que viu, a sua aldeia encerra,
— Uma nesga de gleba e socalcos de serra
Sob um céu sempre azul, de ampla serenidade.

Por tudo o olhar derrama unguento de saudade,
E, evocando o passado, os tristes olhos cerra.
Neste instante feliz, nada ha que mais lhe agrade
Que sentir-se entre os seus em sua propria terra.

Chega. O primeiro amigo a quem a mão aperta,
Quasi á meiga pressão se esquivava, indiferente,
E de outras effusões mais vivas se liberta.

Nessa mão, que recúa, outras, frias, presente...
Antes exilio e dor, pão duro e vida incerta,
Que o desprezo arrostar da sua propria gente.



CARIDADE

A alma do homem se torna egoista e má
Porque a impiedade de hoje é a sua escola.
Essa, que no Evangelho se acryola,
Caridade christã, onde é que está ?

Capazes, hoje em dia, poucos ha
Dessa piedade rara, que consola,
Que os olhos fecha para dar a esmola,
Afim de que não veja a quem a dá.

Sêde piedosos. Bemaventurados
Os que fazem o bem de olhos fechados.
Pois a esmola é só util e efficaz,

Só tem justo valor, sem damno ou perda,
Se não chega a saber a mão esquerda
O beneficio que a direita faz.



VIDAS ANTERIORES

Quando, curva a cabeça, á tóa, o passo tardo,
 Por desertas ruas caminho,
Á hora crepuscular em que, sob o céu pardo,
Azas se cruzam no ar em demanda do ninho,

E o céu é triste, o ambiente é leve, e as auras puras
Deixam, suspensas no ar, a amargura das notas,
Vêm-me recordações de existencias obscuras
Que no sepulcro estão das épocas remotas.

Na India vejo-me a ler, sobrio o gesto e voz clara,
Á multidão que escuta o sabio Verbo e o Exemplo,
Preces do Bagavatta e do Vedanta—Sara,
Sob os negros humbraes de um arruinado templo.

Fui chela, fui fakir, fui shaberon ; e inda hoje
Minha imaginação, no seu vôo altaneiro,
Desprende-se, ala-se e foge
Para aquellas regiões onde nasci primeiro.



A UMA SANTA

Foge, sem odio, ao mal ; o bem pratica ;
Se a dor lhe dóe, cuida-a gostosa e boa,
Ou faz então com que ella lhe não dôa ;
Na pobreza em que está julga-se rica ;

O mal, sabe que passa, o bem, que fica ;
Porisso o bem acolhe e o mal perdôa.
Quanto mais vive, mais se aperfeiçôa,
Quanto mais soffre, mais se glorifica.

Por essa alta moral os actos regra;
Em nenhum outro esforço em vão se cança,
Por nenhum outro ideal se bate em vão.

E é feliz, mais feliz porque se alegra
Não com o muito que a sua mão alcança,
Porém com o pouco que já tem na mão.



ALMA ANCIOSA

Ella vae aonde a leva a saudosa lembrança,
Sempre grata, do largo e abençoado caminho;
Ave de arribação, palpita na esperança
De tecer outra vez, na antiga fronde, o ninho.

A alma esquece, ao partir, a dor do seu espinho,
Porque parte sonhando, á medida que avança,
Depois da luta, a paz, da duvida, a confiança,
E do ermo e do abandono, o conforto e o carinho.

Mas não sabe se ao fim da viagem insensata.
Se, afinal, para além do sonho, que a arrebatá,
Desviando-se da luz, vae para a escuridão ;

Sabe apenas que sente, ao voltar, a tristeza
De ver-se novamente á vil materia presa...
E fecha, sobre si, as portas da prisão.



ESPERANÇA

A Alarico Silveira.

Ella, só ella é boa e piedosa a esperança,
Palma, que, sempre verde, os corações agita,
E, na sua missão de alliviar a desdita,
Enxuga o pranto, illude a fome, o impulso amansa.

Ella, que é para o velho o que é para a creança,
Ella, que a mão de amiga estende á gente afflicta,
Conduz-me para além do que meu sonho alcança,
De região em região, onde outra luz palpita.

É tão boa essa luz, que os calhãos do caminho
Hão de ser, se os houver, macios como arminho,
E de encaral-a o meu olhar jamais se furta.

Só não sei em que mundo, em que estrela, em que
[esphera
A verdadeira paz entre bençãos me espera,
Sei que o caminho é bom e a viagem é tão curta...

Setembro, 1920.



A PROPOSITO DE FRANCISCA
JULIA E DE SUA OBRA.





NUNCA pensei eu que me coubesse algum dia tarefa tão difficil e tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome hoje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da literatura neste paiz.

Uma injusta apreciação, concluida, e mal concluida, da minha attitude critica contra uma escriptora de talento, havia-me perfidamente creado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como o *homem é de fogo para a mentira*, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condemnado.

Ha em tudo isto uma grave injustiça.

Vivendo nessa patria que se orgulha dos nomes gloriosos de Narcisa Amalia, Adelina Vieira, Julia Lopes d'Almeida, Zalina Rolim e Julia Cortines, eu sentia com ella esse mesmo nobre or-

gulho, e ninguem de boa fé poderia acatar essa dura malevolencia contra as minhas verdadeiras opiniões.

Por isso é que a occasião de apresentar o nome da autora dos *Marmores* me depara hoje um ensejo feliz de reabilitação no conceito dos mais opiniaticos.

A tarefa que hoje desempenho, não sem o sobresalto da minha humilde condição, e mesmo sem possuir a auctoridade necessaria para realçar o merito obscuro ainda e para recommendar o livro que tenho em mãos, justifica-se egualmente por boas e excellentes razões que não me é licito, um momento só, occultar. Não só os *Marmores* por si sós dispensam qualquer elogio antecipado ao do publico, mas quasi todos elles já não carecem de favor: foram carinhosamente esculpidos, finamente cinzelados, para a galeria artistica da *Semana*, e ahi foram consagrados definitivamente pelo applauso de Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Max Fleiuss, Luiz Rosa, Americo Moreira e eu. Deste modo, já não teria receio dos exaggeros da minha opinião individual, acha-se ella firmada pela colaboração de illustres confrades cujo criterio se eleva acima de toda suspeita.

O nome da poetisa era acclamado; as suas producções, em manuscripto ainda quente das emoções do seu estro, crearam em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmosphera deliciosa de Arte e de Sentimento. E d'essa invisivel redoma, de onde uma nova alchimia tirava novos mundos, renasciam as paizagens pagãs, com os seus lacteos rios elevando murmurios ás frondes, que os passavam ao céu azul, nessa ascensão de prece pantheista da terra profunda ao céu alto e luminoso.

E todos nós inquiríamos se era verdadeiramente de mulher aquelle coração energico e possante, capaz de propellir o sangue de um milhão de arterias.

Foi, pois, principalmente nas paginas da *Semana* que a reputação de Francisca Julia se tornou duravel, solida e indestructivel.

E quando ella vinha, todos os sabbados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo applauso com que todos nós a recebiamos. A sua poesia energica, vibrante, trazia a vehemencia de sonoridades extranhas, nunca ouvidas, uma musica nova de que as cytharas banaes do nosso Olympo nos haviam desacostumado.

A banalidade vulgar e desolante do commum das poesias escriptas outr'ora por mulheres; esses versos minados de tuberculose, de voz rouca e doentia, quasi esprimidos com o ultimo alento vital, habituaram-nos a registrar cada estrêa feminina sempre com a mesma velha siga: *Está conforme*. Era como se dissessemos: *Póde baixar á enfermaria*.

Mas dessa languidez antipathica e irracional, nasceu, como devia nascer, a reacção.

Ainda ultimamente, o livro de Julia Cortines foi mais um clamor de energia. contra essa tísica endemica do Parnaso.

Pois que! essas boas senhoras e essas gentis meninas, rubicundas e gordas, bonitas e risonhas, espirituosas todas e algumas até glotonas, andavam a chorar pelos cantos da casa e a morrer em cada verso?

Francisca Julia tem pouco mais de vinte annos de idade. Sente-se a custo, ás vezes, nas suas producções, a ternura dos verdes annos que só a adolescencia é capaz de suggerir e realisar, porque

a frieza classica dos seus versos é absoluta. Sabemos que aos quatorze annos escrevia já os primeiros versos. Estreou no *Estado de São Paulo*, e collaborou em outras varias folhas, no *Correio Paulistano*, no *Diario Popular*, no *Album*, e finalmente, na *Semana*, de onde irradiou seu nome para todos os angulos do paiz.

Eis o que sei da sua curta biographia. Talvez, um dia, num livro, que será extremamente curioso e suggestivo, ella nos conte a sua historia intima com aquella deliciosa linguagem, pura e desataviada de ornatos, que transpira das suas cartas.

O character preponderante da sua poesia é, talvez, o amor da belleza classica, tal qual a idealizaram os hellenos de Péricles—o sentimento abstracto e profundo do numero, do rythmo e da harmonia. Em uma palavra: — mais extase do que paixão. Bastaria, para proval-o, esse soneto dos *Argonautas* que parece um baixo relevo de marmore, tal a fria correccão do desenho, soneto que é, de certo, um dos mais bellos e mais bem acabados entre os da nossa lingua.

OS ARGONAUTAS

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar — amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infundos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa, em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,
Como essas náos, que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençam dos céos e a protecção dos astros...

Na *Musa impassivel* ha identica perfeição de sonoridade; sôa-nos ao ouvido a complicação or-

chestral de um poema symphonico; todos os rumores são harmoniosos; e o pensamento já não é expresso pela vulgaridade da articulação e do vocabulo, mas escôa e brota da musica complexa, da fórma mesma dos versos.

Dá-me o hemistichio de ouro...

Versos que lembrem, com os seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

Outras vezes, na solidão da floresta, é ainda uma sonoridade selvagem que desperta e impressiona o estro da poetisa e ella tradul-a nesse verso esguio e fremente :

Entre as folhas sibila a estridula cigarra

Se eu tivesse de fazer uma analyse psychologica, (de cujo horror os leitores se livrariam a tempo), diria que a sensação predominante na compleição physica e intellectual de Francisca Julia é a *sensação auditiva*; ella sabe tirar dos ruidos cahoticos e irregulares da natureza as vibrações isochronas e musicaes, e dá-lhes um relevo distinctivo, como um artista sabe, com o pincel, desdenhando o detalhe, distinguir as manchas do colorido geral da paizagem.

Um subsidio para essa affirmativa psychologica, bem póde ser a myopia da gentil poetisa. A' deficiencia da vista, procurou equilibrio no ouvido, com a vantagem innegavel de que a myopia natural, quando não é excessiva, é um bom elemento de educação da percepção visual na arte, por isso que facilita a visão das massas e supprime o incommodo das minucias.

E querem avaliar os leitores como essa gentil *creança sabe ver a natureza* ?

Ponham deante dos olhos esse trecho de paizagem africana em dia de calma :

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquilllos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,
Em compacto apertão, os velhos crocodillos...

Na mesma poesia (*Sonho africano*) que é toda um primor de arte, encontra-se esta imagem digna de um pincel impressionista :

Eil-o em sna chonpana. A lampada, snspensa
Ao tecto, oscilla : a um canto, nm velho e hervado fimbo.
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe nm nimbo
Cor de cinabrio em torno á carapinha densa.

Na poesia *De joelhos*, que é uma tentativa de versos symbolicos, mysticos, ou decadistas, — a auctora tira todos os effeitos admiraveis de luz, de som e de movimento. Toda a luz do quadro só permite ver a monja, e d'ella, a principio, os olhos altos, presos ao tecto, e depois os braços e o rosto branco ; percebe-se o murmurio sonoro da reza cochichada, continua...

Reza de manso... Toda de roxo
A vista no tecto presa,
Como que imita a tristeza
Daquelle cirio tremulo e frouxo.

E os dous aspectos artisticos de luz e som, o do murmurio e o da imagem branca da monja, vão-se alternando nas estrofes :

Psalms doridos, cantos aereos,
Melodiosos gergeios,
Roçam-lhe os onvidos, cheios
De mysticismos e de mysterios.

Quanta tristeza. quanto desgosto
Mostra n'alma aberta e franca
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pallido e rosto...

Parece estar no Outro-Mundo
De outros mysterios e de outras vidas.

Não tenho hoje hesitação alguma, quaesquer que sejam as consequencias do asserto, em affirmar que, depois da geração que costumamos sym-

bolizar nos nomes de Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, tenha apparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, eguale á autora dos *Marmores*. Nem aqui, nem no sul, nem no norte, onde agora floresce uma escola litteraria (*A Padaria espiritual* do Ceará) encontro um nome que se possa oppor ao de Francisca Julia.

Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e factura do verso, nenhum possui em tal gráu o talento de reproduzir as bellezas classicas com essa fria severidade de fôrma e de epithetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na litteratura franceza; nenhum jamais, d'entre os mysticos e nephelibatas de Lisboa ou do Rio de Janeiro, se elevou a essa região serena do mysticismo que a poesia *De joelhos* nos revela com tão extraordinaria emoção.

Como traductora, Francisca Julia tem, igualmente, qualidades apreciaveis.

Contribuiu ella com alguns formosos numeros para a traducção brasileira do Intermezzo de Heine, publicada pela *Semana*.

Por esse tempo, um critico allemão publicou no *Tagblatt* ⁽¹⁾ uma extensa apreciação sobre a traducção brasileira. Era natural que ao sr. Emilio Strauss fossem extranhas as harmonias do nosso idioma; por isso o critico foi desapiedado para com poetas da estatura de Raymundo Corrêa e de Luiz Delfino, ao passo que elevou ás nuvens poetas estimaveis mas de menos folego. O critico apenas deixa-se levar pelo criterio da *traducção litteral rigorosa*, o que muitas vezes conduz aos maiores absurdos; na poesia, não só o vocabulo, mas a melodia e o rythmo são elementos eguaes de expres-

(1) Folhetins do «Tagblatt» de S. Paulo, sob o titulo «Eine brasilianische Heine—Mebersetzuny», entre 23 de junho e 3 de julho de 1894.

são, e esses ultimos elementos são tanto mais intensos quanto cresce a distancia entre a civilisação e a lingua do poeta original e a do poeta que traduz.

Analysando, com seu estreito criterio, Emilio Strauss não poude comprehender o merito das traducções de Francisca Julia.

Que a nossa poetisa pôde traduzir mesmo *litteralmente* e com o maior rigor de fidelidade as bellezas da poesia alleman, é verdade que ninguem poderia com decencia encobrir.

No presente volume os leitores encontrarão um *lied* de Goethe — *Calma do mar* — (Meeres Stille) que pôde ser cotejado com o original allemão.

Os dous ultimos versos :

In der ungeheuern Weite
Reget keine Welle sich

são traduzidos com rigor litteral :

Em todo o vasto mar, em parte alguma
A mais pequena vaga se levanta.

Entretanto, não seria de todo inutil apontar á gentil poetisa os perigos e as desvantagens da *paraphrase*, quando se pôde traduzir com a fidelidade e a elegancia que transpiram nos dous versos acima transcriptos. Vou concluir.

Aos que vão começar a deliciosa leitura dos *Marmores*, peço perdão desta palestra importuna, inculta e barbara, sem atavios de estylo, e todavia sem a gentileza que reclamaria o portico desse templo sumptuoso. A Machado de Assis ou a Raul Pompeia caberia essa architectura preliminar.

Mas tambem o contraste é excellentes recurso para effeitos necessarios.

Sirva isso de prologo e de contraste á grandiosa belleza dos *Marmores*.

Rio, 1 de Janeiro de 1895.

JOÃO RIBEIRO.

(Prefacio dos *MARMORES*).

Envio-lhe copia de um soneto, inedito e precioso. Tive idéa de occultar o nome do autor, para deixar-lhe o gosto de o adivinhar. Mas bem fragil seria o seu prazer de penetrar misterio tão á superficie. Para nós, os iniciados no culto quasi religioso dessa Muza inconfudível, não é preciso que ela assine as estrofes em que burila, como em ouro, a sua poesia.

O poeta evoluiu — evoluiu sempre — dos *Marmores*, que em 1895 vibraram como um vigoroso toque de clarim, até este comovido e comovente soneto *Outra vida*, escrito agora, e que resôa com a tristeza de um dobre de sino ao entardecer. Mas a sua evolução foi toda sob o aspecto filosofico, que pouco interessa á arte. Atravez dessa evolução, o poeta conservou intactas as nobres qualidades estheticas que assinalaram sempre com um cunho tão individual os seus versos, e que dão á sua obra um logar de destaque em nossa lingua.

Ao entrar na mocidade, o poeta só considerava digno de ser olhado e visto, do alto da torre de marfim da sua arte, o que resplandecia de beleza e perfeição. Sobre a chata planicie onde rastejava a existencia anonima dos seres vulgares, só via, com os seus olhos avidos de esplendores,

... como um nevoeiro denso,
Um tom neutro de cinza empoeirando tudo.

Foi com essa inspiração do seu temperamento insuflado pela prestigiosa influencia do parnasianismo, que o poeta cinzelou para os *Marmores*, templosinho grego, este soberbo portico :

MUSA IMPASSIVEL

I

Musa! um gesto sequer de dor ou de siucero
Lucto, jamais te afeie o candido semblante!
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho, deante
De um morto, o mesmo olhar e sobrecehuo austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma auguiforme de Daute,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio de ouro, a imagem attractiva,
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem, com os seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

II

O' Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e brauca!
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chamma lauçando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol uas nuveus solavanca.

Transporta-me de vez, numa asceção ardeute,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente;

E onde, um longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróes do grande muudo antigo.

Entre os *Marmores* e as *Esphinges* oito annos
decorreram. O poeta vivêra-os. Tinha ainda, é
verdade, impressões de deslumbramento, que ex-
primia, maravilhado e maravilhosamente, em versos
como estes:

DANÇA DE CENTAURAS

Patas diauteiras no ar, boccas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lauçãs,
Eil-as, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando á luz a braucura dos seios.

A noite esenta, fulge o luar, gemem as franças ;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar. o cabello solto ao léo das auras mansas.

Empallidece o luar, a noite cae, madrugada...
A dança hyppica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga :

E' que, longe, ao clarão do luar que empallidece,
Enorme, acceso o olhar, bravo, do heroico braço
Pendente a clava argiva, Hercules apparece...

Mas o seu olhar, humanisando-se, baixava do
alto da torre de marfim em que ele, orgulhoso e
ingenuamente, sonhara encerrar-se para a planicie,
desenevoada já do *tom neutro de cinza que a em-
poetrava*. A sua impassibilidade afrouxara, infil-
trada de ternura pelos que sofrem obscuramente,
de simpatia pelos humildes condenados sem culpa
à humildade, de piedade para com tudo o que
vive... A mesma lira que se votára, com entu-
ziasmo escluzivista, à glorificação pagã da Beleza,
remia já em acordes, comovidos, como estes :

NOUTE DE INVERNO

Passa a rajada cortante e fria ;
Correm de brumas compridas levas ;
Que noute escura ! brumas e trévas...
Ave, Maria !

Ai ! que pungente pensar que um bando
De pobresinhas crianças nuas
Corre nest'ora ruas e ruas
Choramigando.

Ai, si eu pudesse dar agasalhos
A todas ellas !

CÉGA !

Trópega, os braços nus, a fronte pensa, varias
Vezes, quando no céu o louro sol desponta,
Vejo-a no seu andar de somnambula tonta,
Despertando a mudez das viellas solitarias.

Arrimada ao bordão, lá vae. . Imaginarias
Cousas pensa... Verões e invernos máos affronta...
Dores que tem soffrido a todo o mundo conta
Na linguagem senil das suas velhas arias.
Céga ! que negra mão entre os negros escolhos
Do cháos, foi procurar a tréva, que ennegrece,
Para cegar-te a vista e escuiecer-te os olhos ?
Céga ! quanta poesia existe, amargurada,
Nesses olhos que estão sempre abertos e nesse
Olhar, que se abre para o céu, e não vê nada !...

INVERNO

Outr'ora, quanta vida e amor nestas formosas
Ribas ! Quão verde e fresca esta planicie, quando,
Debatendo-se no ar, os passaros, em bando,
O ar enchiam de sons e queixas mysteriosas !
Tudo era vida e amor. As arvores copiosas
Mexiam-se de manso, ao resfolego brando
Da brisa que passava em tudo derramando
Um perfume subtil de cravos e de rosas...
Mas veiu o inverno ; e vida e amor foram-se em breve...
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...
As arvores do campo, enroupadas de neve,
Sob o látégo atroz da invernia que corta,
São esqueletos que, de braços levantados,
Vão pedindo soccorro á primavera morta.

NOCTURNO

Pesa o silencio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funereo
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio...
A' frente, um vulto agita a caçoula do incenso.
E o cortejo caminha. Os cantos do psalterio
Ouvem-se. O morto vae numa rêde suspenso ;
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço ;
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.
Uma ave canta ; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se illumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça ; a folhagem farfalha.
E enquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima delle, em silencio, fluctua
O lausperenne mudo e supplice das almas.

E, como para fechar de todo, com chave de
ouro, a faze de impassibilidade parnasiana do poeta,
vencido afinal pelas realidades da vida, este ma-

drigal, de uma delicadesa e de uma perfeição incedíveis, e que Anacreonte e Goethe assinariam com orgulho :

DONA ALDA

Hoje Dona Alda madrugou. A's oostas
Solta a opulenta cabelleira de ouro,
Nos labios nm sorriso de alegria,
Vae passear ao jardim ; as flores, postas
Em longa fila, alegremente, em coro,
Saúdam-n'a : "Bom dia !"
Dona Alda segue... Segue-a uma andorinha :
Com seus raios de luz o sol a banha ;
E Dona Alda caminha...
Uma porção de folhas a acompanha...
Caminha... Como um fulgido brilhante
O seu olhar fulgura.
Mas — que cruel ! — ao dar um passo adeante,
Emquanto a barra do roupão sofralda,
Pisa um cravo gentil de lactea alvura...
E este, sob os seus pés, inda murmura :
"Obrigado, Dona Alda"

Para encontrar simile a esse madrigal, tão perfeito pela concisão e pela nitidez com que as palavras cantam a idéa, seria preciso, decididamente, viajar para fóra da nossa lingua...

Depois das *Esphinges*, os versos do poeta, sempre admiraveis de força suggestiva, se foram impregnando, cada vez mais, de melancolia — até atingir a profunda e desanimada tristeza deste soneto *Outra vida*. O poeta, que, no ardor da mocidade, se votara ao culto da Beleza como sendo a unica preocupação digna dos seus olhos, da sua alma e dos seus versos, dirige-se agora á Morte, que supõe proxima. Teme-a ? Não. Afronta-a ? Não. Deseja-a ? Não. Espera-a. Espera-a serenamente, não já com a serenidade de crente, proclamada outrora na *Profissão de Fé* :

Ante o perigo, não vacillo : acho-me calma ;
Porque te amo, Senhor, com essa fé singela,
Mas forte e intensa, que me vem de dentro d'alma.

Agora, a sua tranquillidade, amarga e desiludida, é a de quem, no entardecer de um dia que não foi de sol, vê que a noute se aproxima, a noute infinita e irremediavel—e lastima, não o deixar a vida, mas o deixal-a sem saudades :

Morte, é curta a jornada, o meu fim está perto.
Feliz; comtigo irei, sem olhar o deserto
Que deixo atraz de mim, vago, immenso, vasio...

O intuito desta carta é provocal-o, meu amigo, a empregar a sua notavel aptidão de critico num estudo desse maravilhoso poeta, um dos mais originaes do Brasil, e de quem a nossa terra paulista, que devia orgulhar-se de lhe ter sido berço, quasi ignora o nome. Esse poeta, que é uma mulher, fulje, sobre a sociedade em que vive, com um brilho de estrela longinqua, solitaria e despercebida.

Você pode, meu amigo, impedir que o nosso tempo deixe ao futuro, a nossa geração legue a gerações menos frivolas, a tarefa de comprehender a obra e glorificar o nome de D. Francisca Julia. Póde, num caso destes, quer dizer deve. Você é entusiasta e critico. Eu, infelizmente, sou apenas entusiasta.

VICENTE DE CARVALHO.

(“Uma carta ao sr. Manoel Carlos”, “CIGARRA”, 1 de Julho de 1919).

* * *

Quando li, ha pouco mais de um anno, os primeiros versos de Francisca Julia, surprehendeu-me o seu estylo. Havia alli a demonstração de um culto entranhado da Fôrma,—culto que não tem muitos sacerdotes (ai de nós!) nos dias de hoje. Em regra os escriptores, que estão agora flores-

cendo, cuidam que para dar progresso á lingua portugueza, basta inventar palavras como quem inventa boatos. Quanto mais estapafurdia a palavra, mais bella!—é a profissão de fé dos novos. E a gente lê cousas, capazes de dar arrepios de medo a um frade de pedra!

Em Francisca Julia, surprehendeu-me o respeito da lingua portugueza. Não que ella transporte para a sua estrophe brasileira a dura construcção classica: mas, a lingua doce de Camões, trabalhada pela penna d'esta meridional,—que traz para a arte escripta todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça,—nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O portuguez de Francisca Julia é o mesmo antigo portuguez, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.

Depois, os seus versos não têm o falso pudor e a monotona lamuria, que, em geral, se encontram nos versos de mulheres que por ahi apparecem. Francisca Julia canta a antiga Belleza, desnudada ao sol, fulgurando, livre de véos hypocritas. De quando em quando, uma estrophe sua, como um grito de saudade e de angustia, saúda os tempos gloriosos da Hellada; e ella pede á sua musa:

Transporta-me, de vez, n'uma ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,
E onde, n'um longo olhar, eu possa vêr contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os poetas e os heróes do grande mundo antigo!

Digam-me: parecem versos de moça?

Ai! meninas, que passaes a vida a esfregar as téclas dos pianos molles! senhoras, que vos entregaes á politica, fundando e organisando batalhões para a defeza da Republica! — porque não vos entregaes antes, como esta moça paulista, ao trato fino e consolador da Arte?

Dir-me-eis que a Arte entristece, e que esta moça, com o ganhar o segredo da Metrificação e do Estylo, ganhou apenas uma tortura. Quem sabe? A Arte entristece, quando, forçada e atormentada, é uma busca anciosa do Ideal, uma vontade louca de devassar o eterno Mysterio... Mas a Musa de Francisca Julia, (ella mesma a chama *Musa impassivel*) não têm essas aspirações nevroticas. A recordação da belleza de Venus, a leitura de meia duzia de versos de Homero, a contemplação de meia duzia de relevos da esculptura grega, bastam para lhe dar a alegria de viver. Que quer ella? Quer admirar a Formosura perpetuada pela Arte:

Grave e branca, de pé, num bloco de Carrara,
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara...

Arte calma, arte consoladora, essa. Pois se mesmo agora, a mim, que estou mettido n'estas agitações politicas, acaba ella de me dar um par de horas de extase e ventura!...

Obrigado, Francisca Julia!

OLAVO BILAC.

(Trecho de uma chronica d'A
CIGARRA, do Rio de Janeiro,
de 11 de Julho de 1895).

* * *

Uma das vestaes desse culto artistico que mais nos merecem pelo cuidado zeloso com que mantêm na tripode de bronze o lume fulgurante nascido de uma scintilla de Helio, é a poetisa paulista Francisca Julia da Silva. Artista impeccavel do verso, a sua estréa, com esse livro de preciosos labores que trouxe o titulo lapidar de *Marmores*, foi um

deslumbramento. Depois da publicação conservou-se em silencio de annos no adyto do sanctuario pagão que é, ao mesmo tempo, a sua officina, trabalhando caladamente, mysteriosamente, como convém a uma iniciada.

Não havia noticia do seu viver — uns já a diziam desgostosa, outros a tinham por descrida, e eis que, numa dessas manhans azues que annunciam o dôce inverno, o correio, que me traz a correspondencia, entrega-me, entre jornaes e cartas, um pequenino envelope...

Ha uma lenda dinamarqueza que conta assim a vingança de um genio aquatico. Haviam edificado na visinhança de um lago uma igreja; o nix, habitador das aguas, importunado com a voz dos sinos que não lhe permittia sahir do seu fundo lodoso, imaginou destruir aquella construcção incommoda e, uma vez, estando ao sol, entre os juncaes, viu passar um camponio. Chamou-o e, entregando-lhe uma carta, pediu que a fizesse chegar ao parochó. Prestou-se o camponio a servir-o e lá foi, caminho da igreja. Sentindo, porém, uma certa humidade na carta, examinou e deu, então, pelas gottas d'agua que della sahiam. Picado de curiosidade, abriu-a e logo uma inundaçáo alagou os campos, as aguas soberbas foram levando cercas e casaes e, só a muito custo, o camponio conseguiu salvar-se das aguas que o perverso e vingativo nix, com o poder do sortilegio, escondera no pequenino involucro.

Quando abri o envelope que o correio me entregara, delle sahiu tumultuosa, estrupidantemente, uma festiva e garbosa cavalgada e, ganhando os ares, como as walkirias, numa nevoa de sonho, deu-me a illusão d'uma scena pagã do tempo em que nas cumiadas nevoentas do Pelion, os filhos da nuvem e do furacáo, de clinas soltas, aos sal-

tos, partiam em trebelhos, ou em combates, aterrando, com o tonitroar dos galopes desabridos, a gente que jazia nas immediações do monte tormentoso. Eis o primor :

DANÇA DE CENTAURAS

Patas dianteiras no ar, boccas livres dos freios,
Núas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Eil-as, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando á luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças,
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e veem, os peitos cheios
De ar, o cabello solto ao léo das auras mansas.

Empallidece o luar, a noite cae, madruga...
A dança hyppica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga :

E' que, longe, ao clarão do luar que impallidece,
Enorme, acceso o olhar, bravo, do heróico braço
Pendente a clava argiva, Hercules apparece.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Este admiravel soneto é o primeiro de uma nova colleção de versos—Esphinges—com que a poetisa reaparece. Não ha nessa pequenina joia uma só falha—o verso é terso, a ideação formosa e suggestiva, o remate de uma inesperada belleza. Que hei de eu dizer das rimas tão caprichosamente escolhidas e tão naturaes no conjuncto? Não exaggero affirmando que a minha patricia trabalhou esse lindo episodio com que Praxiteles ornaria ricamente um frontão, com o escopro do grande mestre Leconte. Não é uma «scena morta» posto que seja talhada em marmore—tem a vida arrojada do *Discobulo* e tem a belleza da *Artemis*. A fórma, tão polida em todos os seus contornos, não delicia simplesmente pela belleza externa — contém uma idéa que inspiraria ao pintor e ao musico outras obras primas. Quem realisou, com a palavra, essa concepção é uma inspirada e uma artista — não basta ter a idéa dum tripudio quadrupedante de

centauras, ao luar, é mistér saber representar esse sonho detalhando minuciosamente toda a ficção para que se sinta, como se sente, a illusão poetica.

Felizmente ahi estão os poetas que não deixam morrer o passado; eis toda uma scena do mytho grego nesses quatorze versos de uma perfeição inexcédível. Bem haja quem nos traz esses espectros da idade morta! Bemdicta seja a evocadora das scenas dos dias aureos e não nos revoltemos contra o tempo; apesar de tudo, ainda ha quem se não deixe levar no enxurdo e, enquanto rolam as ondas sordidas, fechada hieraticamente no seu sanctuario, encarna uma idéa entre vocabulos que luzem como engastes de ouro. Salve a divina poetisa, e, ainda uma vez: Salve!

COELHO NETTO.

(Trecho de uma chronica publicada no EST. DE S. PAULO de 17 de Abril de 1902).

* * *

Francisca Julia da Silva, a lapidaria exacta das *Esphinges*, submissa ás rigorosas leis scientificas da arte, engasta na transparente correcção da limpida phrase metrificada, a riqueza vernacula das aureas rimas insubstituiveis.

Recortados com rijo vigor marmoreo, os seus versos resoam conjugando-se numa grave orchestração rumorosa. As côres, distribuidas com habilidade e acerto, chromatisam a musica estuante das estrophes e reflectem os ancenubios na cinzelada pedra em que palpita o poema. Ao seu poderoso aceño, accórda a lenda e vive o passado. Dançam, resurrectas, as centauras:

Patas dianteiras no ar, boccas livres dos freios,
Núas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças.

Amphitrite, nadando á tona d'agua, mostra
Sua clara nudez salpicada de espinhas;
vé-se

A terra mergulhada
No primeiro silencio e nas primeiras trevas;
mar fóra, de mãos postas, os argonautas imploram
A aurea bençã dos céos e a protecção dos astros;
uma barca veleira pompeia,
A tremer, a tremer, sobre as aguas do Nilo:
de pé, herculea e branca, Venus apparece
Na regia perfeição da formosura antiga.

Francisca Julia, desfaldando como ovante lá-
baro o mesquinho reparo da incompetencia, em vi-
brantes sonetos que o desfazem, invoca a *Musa im-
passivel* :

I

Musa! um gesto sequer de dôr ou de sincero
Lucto jamais te afeie o candido semblante!
Deante de nm Job, conserva o mesmo orgulho; e deante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero!

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio de onro, a imagem attractiva;
A rima, cujo som, de nma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos da alma, a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

II

O' Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gêla o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá comtigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca.
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chammas lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,
E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,
Passarem, através das brumas seculares,
Os poetas e os heróes do grande mundo antigo.

Tenha a quietação de silente paizagem crepuscular, despereça na planicie desolada por invernias; serpeie, sob o nocturno silencio, em caminho do cemiterio; desperte em festa com as campinas ao quente brilho da aurora, a natureza é sempre empolgante contemplada atravez deste temperamento.

Os aspectos preferidos pela poetisa desmaiam nas tintas macias do entardecer, ou afundam na meia escuridão penetravel da noite. A sua moderada crença religiosa esplende em carmes elevados.

Nada, nos masculos versos de Francisca Julia, denuncia a mulher. Deante de *Venus*, é a de um homem a sua attitude. Dirigindo-se a um poeta ou falando a um artista, exalta-se o espirito ardente da escriptora, porém a carne da mulher não pulsa. Na composição *De volta da guerra*, ella imagina ser um annoso veterano mutilado, mas em nenhuma allude á sua condição feminina.

Um fremito de amôr não percorre o seu livro... Um poeta não. transviaria para outro assumpto as violentas commoções de origem passional. Ateado em nosso peito, o amôr é comparavel a um incendio raivando dentro de uma armadura por cujos orificios escapam, convulsas, as labaredas.

LEAL DE SOUZA.

(CARETA, do Rio de Janeiro, de
18 de Dezembro de 1895).

... Vir eu, pobre curioso das Lettras, fallar dos *Marmores*, é coisa desnecessaria e até denotadora de certo arrojo ; porque nem o leitor precisa das minhas palavras para o ajudarem na formação do seu juizo pessoal, nem eu, francamente, me julgo capaz de passar ao papel toda a profunda e larga impressão que me veiu desse livro admiravel.

D. Francisca Julia tem já o seu lugar destinado na litteratura do paiz e não de agora, desde que os seus primeiros sonetos surgiram a cantar no *Correio*, no *Popular*, e na *A Semana*, como hymnos gloriosos voando duma lyra do mais rico ouro. Explodiu logo um espanto geral, seguidamente uma ovação unanime ; e grande leva de admiradores veiu ajoelhar-se ao redor d'Elle.

Esse bule-bule de entusiasmo foi-se accentuando e alastrando dia a dia ; os crentes fizeram-se devotos, e os que de principio não criam, renderam breve o seu culto sincero e convicto, inteiramente vencidos. Agora, quando o livro apparece, já todos sabem as bellezas que o illuminam e de que maravilhosos thesouros vem cheio. Quem lhe conhecer o panno de mostra ha de abril-o com avidez, analyzal-o como joalheiro intelligente, que nem uma só das muitas joias lhe passe despercebida ante os olhos soffregos—adorando-o como presente do céu e fazendo delle a sua Biblia predilecta.

Basta que leve e rapidamente o observador percorra as obras das nossas poetisas, para notar a superioridade incontestavel de d. Francisca Julia da Silva sobre todas, consoante o rigor impeccavel dos versos, a preciosidade da rima, o capricho

requintado da sua Arte. Assim, d. Adelina Lopes será mais humana e suggestiva, d. Zalina Rolim mais delicada no sentimento, d. Julia Cortines mais calorosa e imaginativa—nenhuma, porém, de de tão legitima e rara organização artistica.

A escola parnaziana encontrou em d. Francisca Julia da Silva uma devotada e fervorosa discipula, que toda se lhe entrega e a exalta bizarramente com o esplendor apothetico desses sonetos dos *Marmores*, soberba colleção brilhantissima e de incalculavel valor. O parnazianismo afigura-se-nos custoso de vingar no espirito da nossa raça, e impossivel então numa senhora, que, para mais, acaba de transpor os vinte annos, a phase superiormente illusoria e lyrica da existencia.

E' espantoso como d. Francisca Julia logrou afastar de si todas as preoccupações extranbas á sua Arte egoista, sustendo o coração que deve de estar sempre aberto e prompto a palpitar para os affectos humanos. Mas ella não quer ver outra coisa, nem sentir outro amor senão o da sua Arte, e no primeiro soneto dos *Marmores* impõe á Musa essa absoluta esquivança ás affeições vulgares :

Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho, e deante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lagrima, não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.

Ahi está; em muitas columnas de prosa inspirada de observação, nada mais se poderia dizer sobre a natureza da Artista, do que dizem esses poucos versos primorosos.

Marmores, que bem achado titulo! O livro de d. Francisca Julia é realmente todo de marmore; templo marmoreo, com as suas deusas brancas, da «regia perfeição da formosura antiga», as suas columnas arabescadas por cinzel de mestre, e por

entre as quaes a Musa caminha, serena e magestosamente. De marmore é a frieza eterna daquelles versos, de marmore a sua rijura incompressivel.

Manda-me a regra citar, mas citar o que, desse livro da primeira linha á ultima, irreprehensivel? Dos dezoito sonetos, por exemplo, de que se forma a primeira parte da obra, nenhum merece especial classificação, porque, lendo-os de seguida, como agora faço pela centesima vez, cada um me vae successivamente parecendo *melhor*. Em todos passou aquella mão abençoada e milagrosa, aquella mão destinada a tratar com o mesmo quintessenciado apuro, todas as creações que o cerebro lhe entrega. E dest'arte não ha alli um só verso frouxo, tinindo a rachado em meio da pomposa e estridente orchestração geral. Qualquer poema serve de modelo para se avaliar dos outros.

VENUS

Grave e branca, de pé num bloco de Carrara
Que lhe serve de throno, a formosa escultura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quê de vida o genio lhe insuflara;
E impassivel, de pé, mostra, em toda a brancura,
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,
A majestade real de uma belleza rara.

Vendo-a nessa postura e nessa nobre entono
De Minerva marcial que pelo gladio arranca,
Julgo vel-a descer lentamente do throno,

E na mesma attitude a que a insolencia a obriga,
Postar-se á minha frente, impassivel e branca,
Na regia perfeição da formosura antiga.

JOÃO LUSO.

(De um artigo inserto no ESTADO DE S. PAULO de 10 de Julho de 1895).

Eu que também celebro, com veneração ritual, o sacrificio absoluto de minh'alma resando a Missa solemne do Verso nas aras sacrosantas da Arte, curvo humilde e reverente os joelhos em terra, osculando as paginas marmoreas deste livro, que encerra em cada estrophe a alma palpitante de uma artista excepcional, assim como no altar de um templo resplende a imagem aureolada de um idolo...

Céga como Themis, a implacavel deusa, que, sustentando na mão direita o glaudio e na esquerda a balança, tem o peito revestido de rijida couraça para que as pulsações violentas do coração e os enlevos mendaces da vista não a desviem do caminho recto da justiça inflexivel,—a intransigente esculptora dos *Marmores*, empunhando o plectro, que para ella é camartello, como para Bilac é buril e para Guerra Junqueiro é clava, impõe severamente á sua Musa a condição de se conservar na mais imperterrita impassibilidade, afim de que jámais a expansão de um sentimento affectivo ou o gemido lugubre do desespero possam contrahir os seus labios rijidos de marmore ou humedecer as suas pupillas serenas que devem sómente fitar sem commoção nem extases, o paramo estrellado da Arte, com a fria insensibilidade com que um lago reflecte minuciosamente as multiplas paizagens que se debruçam sobre a limpida planicie das aguas... E effectivamente, a sua Musa, qual «Minerva marcial que pelo gladio arranca», com soberana e sumptuosa impassibilidade, arrasta desdenhosamente o tunica purpurejante dos versos, que passam cantando, limpidos e bizzaros...

Ha nas suas estrophes masculas e sonoras:

Ora o aspero rumor de um calhão que se quehra
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

E na *exterioridade* do verso, na fôrma, notam-se os relevos caprichosos das phrases e os arabescos rendilhados de imangens originalissimas, ornamentando a solidez architectonica da estrophe, que tem seu alicerce numa metrificacão cadenciada e perfeita.

Eis o que tive, a mais expontanea e enthu-siastica necessidade de dizer depois que minh'alma aspirou, em haustos insaciaveis, o incenso delizioso que se evola do templo augusto dos *Marmores*, onde eu fiquei perplexo diante de Idolos como este :

MAHABARATA

Ahre esse grande poema, onde a imaginativa
De Vyasa, num fragor echoante de cascata,
Tantas façanhas conta e dessa extrenna e diva
Progenie de Pandü tantas glorias relata !

Ora Kansa, a suprema encarnacão do Siva,
Ora os suaves perfis de Krichna e de Virata
Perpassam, como herões, numa onda reversiva,
Nas estrophes candaes do grande Mahaharata.

Olha este incendio e pasma : aspecto bello e triste !
Caminha agora a passo este deserto areoso...
Por cima o céu immenso onde palpitam sóes...

Correndo, offegante, e, finalmente, assiste
A' ascensão de Iudishthira ao suarga luminoso
E á apotheose final dos nltimos herões.

Que d. Francisca Julia da Silva, a summa sacerdotisa que eu venero, ouça, com indulgencia, esta prece que eu murmuro extatico, de joelhos, no Templo augusto dos *Marmores*.

BAPTISTA CEPellos.

(De um artigo MARMORES, publicado no DIARIO POPULAR de 1 de Agosto de 1895).

D. Francisca Julia da Silva, nascida em São Paulo, e muito jovem ainda, appareceu repentinamente nas columnas d'*A Semana*, com a luminosa surpresa de uma estrella que rompe o véo negro da noite, sem se annunciar, exhibindo-se logo em todo e seu esplendor. Não principiou como principiante, mas logo como mestre: sem vacillações, sem titubeios, sem incertezas.

A elocução, a epithetisação, a rima, o rythmo, as imagens eram de quem conhecia da nobre arte do verso todas as forças e todos os segredos.

Affeiçãoou-se especialmente ao soneto, provavelmente por ser a mais difficil das fórmãs poeticas e por isso a mais digna de um parnasiano.

E que ella é um poeta parnasiano não ha duvida. Basta ler-lhe um soneto qualquer, principalmente o que intitoulou *Musa impassivel*, que é uma profissão de fé que agradaria ao cantor das *Odes funambulescas*. Baniu a emoção do verso, como é de rigor na escola a que se filiou; mas a emoção lá de vez em quando encontra brécha e vem augmentar o merito dos seus formosos alexandrinos e decassyllabos com um leve e doce enternecimento.

VALENTIM MAGALHÃES.

(A LITERATURA BRASILEIRA, noticia critica dos principaes escriptores, documentada com escolhidos excerptos de suas obras, em prosa e verso. Lisboa, 1896).

Antes de entrarmos a apreciar a producção literária de D. Francisca Júlia, tida e havida como a representante suprema do parnasianismo em lingua portugueza, seja-nos lícito manifestar, em duas linhas, a nossa idéia sôbre a arte. Ha no tocante á arte, como é sabido, duas fortes correntes que se contrapõem, que luctam, não diremos com o mesmo direito, sinão, por divorciadas, com egual sem-razão ; pois que, com muito mais proveito para a própria arte, seria para desejar que ambos os esforços se casassem, se fundissem num mesmo concerto para a consummação da obra literária.

Referimo-nos ao pensamento de Gautier, de que a arte reside exclusivamente na perfeição da fórma, e ao de Tolstoi, que entende não poder ella existir sinão no sentimento.

Para um, só a fórma ; só o sentimento para o outro. E, no entanto, não podendo haver belleza sem sentimento, e sentimento justo e bom, nem ser bello o sentimento desordenado, muito lucraria, por certo, a producção si os dois factores se juntassem, num só impulso, para o mesmo collimado fim. E, pois, a arte está, para nós, na boa idéia vazada com sentimento em fórma primorosa.

Por isso é que applaudimos o parnasianismo. Por isso, e não porque aceitemos de boamente os exaggeros de Banville. Por parnasianismo não entendemos nunca a frieza em rimas rebuscadas, nem a futilidade em roupagens deslumbrantes.

Para os grandes males, os grandes remédios ; para o dismantelamento romântico, a intransigência da escola parnasiana. Aparados os seus excessos, naturaes e até necessários no instante agudo

da reacção, o movimento capitaneado por Gautier e Leconte trouxe indiscutíveis vantagens, beneficios inilludiveis ás letras nacionaes. Devemos á França o que de melhor possuímos no seleccionado repositório da poesia brasileira. Devemos a ella o que de mais fino palpita e canta em nosso parnaso, desde Machado de Assis até Martins Fontes : aquelle o primeiro que entre nós escandiu rigorosamente o verso, êste o último que fez gloriosamente refulgir *no ouro do verso a pérola da rima*...

O parnasianismo não veio apagar a inspiração : veio guial-a ; não veio matar a idéia : veio compol-a e aformoseal-a ; não veio prender os surtos do pensamento no círculo estreito das regras grammaticaes : veio expurgar o êrro, pôr dique a lamentações inuteis, quebrar a monotonia de safados rhythmos, brunir a phrase, disciplinar a língua.

Passados os primeiros tempos, os exaggeros, como convinha, tambem passaram ; e a escola produziu os frutos que della se esperavam. Hoje em dia, com raras excepções, sem o objectivo de imitar Heredia ou copiar Mendès, descrevendo o nosso poeta o despenhar de um rio, ou cantando os olhos de sua eleita, seja como fôr, o verso lhe sae torturado com relação á técnica e com respeito á língua. E ahi estão, a deliciar-nos o espirito, no máximo esplendor da belleza, além de tantas outras jóias de subido custo, *As viagens* e *O Caçador de esmeraldas*, de Olavo Bilac, os sonetos de Raymundo Corrêa, a obra sumptuosa de Alberto de Oliveira, os primorosos alexandrinos de Emilio de Menezes, a scintillante *Poeira*, de Humberto de Campos, as *Palavras ao mar*, de Vicente de Carvalho, e os celebrados *Mármore*s, de Francisca Júlia. De tudo isto o que não é propriamente obra exclusiva do parnasianismo, é pelo menos um reflexo da bemfazeja escola.

Do grupo de poetas brasileiros, em que mais accentuada foi a influência da reacção franceza, D. Francisca Julia da Silva faz parte como pontífice de primeira plana.

Não é, por seguro, a sua delicada situação de senhora que ora nos arranca phrases encomiásticas, com que, aliás, tão avára e excepcionalmente brindamos aos que entre nós se entregam ao cultivo das letras. Não, evidentemente, não. D. Francisca Júlia occupa lugar de excepção na literatura do país; e, porventura, não tem rival, mesmo considerados ambos os sexos, na escola que succedeu á do romantismo nacional. Os seus versos são columnas primorosamente trabalhadas, a sustentar uma admiravel criação de alevantado engenho, com que se ha de perpetuar gloriosamente o seu nome, e a sua fama.

Nenhuma penna manejada por mão feminina, seja qual fôr o período a que remontemos, jámais esculpiu, em nossa língua, versos que attinjam a perfeição sem par e a belleza estonteante dos concebidos pelo raro génio da peregrina artista.

O Brasil tem produzido, com effeito, na literatura de todos os tempos e de todos os géneros, um apreciavel contingente de enamoradas do metro e da rima; algumas, como Narcisa Amália, chegaram até a fazer época. Mas a verdade, que se não pôde nem deve encobrir no momento sereno da crítica, é que nenhum dos trabalhos firmados por nome de mulher, no Brasil como em Portugal, nem mesmo quando o circumda o esplendor de uma excepcional cultura, como succede com o da baronesa de Alorna (Alcipe), nenhum dos trabalhos femininos dêsse género logrou escapar ainda ao estigma da imperfeição técnica, nenhum deixou de roçar, a quando e quando, pela vulgaridade do motivo, ou pelo desgracioso da contextura, ou pela defi-

ciência da commoção, ou pelo descuido da fôrma, ou desaprêço da nossa língua. Ao passo que Francisca Júlia, quando, ha cêrca de um quarto de século, surdiu inopinadamente nas páginas d'*A Semana*, empunhava já um buril prodigioso, que desbastou e deu fôrma, com assombro dos seus coévos, ao mármore sonoro que hoje constitue a sua obra, — o melhor monumento que ella podia ter erigido em vida para eternizar-lhe o nome através de todas as gerações vindouras.

Quem suppuer que nos trabalhos da poetisa excelsa vai encontrar a imaginação ardente e phantástica, as constantes imperfeições do autor d'*Os Escravos*, por exemplo, ou as digressões doentias á 1830, ou o lyrismo ingénuo das *Primaveras*, ou a tristeza communicativa de Musset, por sem dúvida que se enganará. Os seus versos, de uma eurhythmia extranha, de uma impeccavel harmonia, têm, apparentemente, a friesa da pedra que lhe titula a obra.

Mas, não são apenas apparentemente frios os seus versos : são rijos e illuminados como os mármores das cathedraes ; e são severos e, na exterioridade, impassiveis como as esphinges do Egypto... Na rijeza nós vemos a perfeição, que se não oblitera ; na impassibilidade, a soberania da belleza, que se não transmuda. Versos talhados por mão de mestre, não se lhes encontram desfallecimentos, quer na idéia, quer na roupagem com que ésta se emmoldura e se apresenta.

Nos poemas da insigne parnasiana não ha exagêro sinão na perfeição. A sua mágua não chega nunca a ser queixa, e o seu desgôsto não chega nunca a ser vitupério. Tem a medida rigorosa no que concerne á téchnica, e a rigorosa conta no sentimento.

E êste equilíbrio, ésta justa proporção no que

se relaciona com a parte mecânica, por assim dizer, dos seus trabalhos, e no que toca ao domínio da sensibilidade, será talvez para alguns o único defeito da sua obra; para muitos será, quem sabe, alguma cousa semelhante á música de Wagner...

Para nós, entretanto, sentimos que tudo isso é simplesmente um relâmpago do génio, que nos deslumbra, e uma virtude singular, que legitima as expansões da nossa crítica.

Como a seguir veremos, na robusta artista dos *Mármore*s, a theoria de Gautier admiravelmente se casa com a de Tolstoi; nos seus versos immortaes a *boa idéia* é expressa com *sentimento* em *fôrma primorosa*.

ARISTÊO SEIXAS

(Extrahido do estudo critico que o sr. Aristêo Seixas fez da obra de Francisca Julia, dado á estampa no CORREIO PAULISTANO de 13 de Março a 13 de Julho de 1918. Este é o capitulo III desse trabalho).

* * *

A linguagem do sonho, meus senhores, é talvez a que mais exprime com encanto e com realleza as cousas da vida; pelo colorido forte da objectiva e pelo ambiente do idealismo typico que ella transluz: na linguagem dos sonhos reflue a vivacidade iriante da Côr, num resaltamento pompal de concatenação e de ordem, reboa o Som; numa radiosidade soberana de dominio, se enthronisa a Idéa e finalmente, impera e extasia, deslumbra e embriaga, escravisa e vence o triumpho immortal e luminoso do Verbo! A brilhante e vi-

gorosa poetisa, Francisca Julia, no seu dizer castiço, no retorcimento dominante do seu aristocratico versejar, na sua resplendente soberania impeccavel, na poesia contemporanea, justifica as minhas palavras acima, com estes marmoreos versos, que, pela sua incomparavel belleza e pela ousadia sonhadora da expressão, proporcionam-me um sonho rhapsodico, ao recital-os. Eil-os :

DANÇA DE CENTAURAS

Patas dianteiras no ar, boccas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Eil-as, garbosas vêm, na evolução das danças
Rndes, pompeando á luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças ;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo solto ao léo das auras mansas.

Empallidece o luar, a noite cae, madrugada...
A dança hippica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga :

E' que, longe, ao clarão do luar, que empallidece,
Enorme, acceso o olhar, bravo, do heroico braço
Pendente a clava argiva, Hercules apparece...

E' o que se pode chamar—tonalidade suprema de tintas—versos de resistencia como esses ! E, francamente, só um sonho luminoso, uma verdadeira abstracção das cousas terrenas, pode inspirar assim concepções tão bellas.

LELLIS VIEIRA.

(Trecho de uma conferencia.)

* * *

A poetisa cujos restos se pretende preservar do desaparecimento, mediante a erecção de um tumulo, simples e modesto, foi a mais perfeita

cultora do verso que o Brasil tem produzido : já não digo perfeita, entre as mulheres, pouco numerosas que se consagram á poesia, mas mesmo entre os homens : rarissimos são aquelles que têm attingido a perfeição lapidar da sua phrase, a impersonalidade absoluta do seu conceito, a pureza hellenica dos seus versos. Ninguém attingiu a perfeição lapidar que attingiu Francisca Julia da Silva ; ninguém teve a emotividade pura e sem preocupações de ordem social, como ella : cultivava o verso pelo verso, cultivava a cadencia pela cadencia, a sonoridade pela sonoridade; cultivava as maravilhosas bellezas dos factos e muitas vezes factos triviaes da historia ou da vida corrente, sem outro objectivo sinão o de revesti-los de uma belleza ampla, nitida, sinceramente sentida e fixada no conceito nitido de phrases energicas e fortes.

Assim, S. Paulo, elevando um monumento modesto e obscuro a uma de suas filhas, elevando o monumento á cultora mais pura da sua lingua, faz uma obra de justiça, ao mesmo tempo que faz uma obra de arte, pois que esta poetisa não emprehendeu obra nenhuma de alcance social, não emprehendeu nenhuma obra politica, não emprehendeu trabalho nenhum que provoque enthusiasmo, mas realizou amplamente o de fixar no verso, na pureza do conceito, na belleza immarcescivel da fórma, a riqueza extraordinaria da lingua portugueza.

Bem recebido seja, portanto, este projecto, e não soffra elle delonga alguma no seu percurso por esta casa. S. Paulo não se ha de arrepender nunca de haver, ao mais genial dos seus poetas, erigido um monumento cuja cinzeladura pôde ser perfeita, pôde ser extraordinariamente artistica, mas que não será nunca superior á cinzeladura que sua filha querida esculpiu, ao cantar todos

os assumptos que impressionaram a sua existencia e fizeram fulgir o seu talento peregrino.

LUIZ PIZA.

(De um discurso pronunciado na sessão de 23 de Dezembro de 1920 do Senado Estadual, a proposito do projecto dos deputados srs. Freitas Valle e Julio Prestes sobre a erecção de um monumento á memoria de Francisca Julia).

* * *

...perguntas (qual o nosso melhor prosador e qual o nosso melhor poeta?) parecem-me, antes de tudo, indiscretas, porque dão logar a constrangimentos e a susceptibilidades, que conviria evitar.

Depois, como responder a ellas, sem ter feito previamente um estudo comparativo e consciencioso de todos os poetas e de todos os prosadores do nosso microcosmo litterario? Que tempo seria necessario para esse estudo? Quem já o fez sem lacunas?

Por mim, declaro, com a franqueza rude que me caracteriza, que jamais o fiz, e penso que, se o tivesse feito, ainda agora estaria hesitante. O que tenho, como terá a maioria dos que lhe hão de enviar respostas, é uma impressão mais ou menos nitida do merito absoluto de cada escriptor que conheço, sem ter uma idéa clara e justa do seu merecimento relativo.

E, sendo assim, quando me quero deleitar com versos, procuro com certa avidez e de preferencia, os de Francisca Julia da Silva e, quando quero uma emoção equivalente na prosa, abro as paginas encantadoras dos livros de Julia Lopes de

Almeida; estou em crêr, á vista da attracção e influencia que uma e outra exercem sobre o meu espirito e sobre o meu sentir, que o nosso primeiro poeta é a poetisa Francisca Julia da Silva e que o nosso primeiro prosador é a prosadora Julia Lopes de Almeida.

GARCIA REDONDO.

(COMMERCIO DE S. PAULO de 13 de Abril de 1905, resposta ao inquerito: «Qual o nosso melhor prosador e qual o nosso melhor poeta?»)

* * *

Francisca Julia tem já, desde o titulo de seu livro de versos, *Marmores*, a affirmação da sua natureza pouco propensa ás fraquezas da sensibilidade.

E' uma convencida discipula dos mestres impassiveis Leconte de Lisle, Theophilo Gautier, Heredia. Ao vel-a pontificar no templo da poesia, tão nova, tão formosa, tão rigida e austera, acode-me para logo á mente a figura ideal de Salammbô, antes estatua que mulher.

Das poetisas, Francisca Julia é a mais solidamente educada, possui mais fortes estudos classicos.

LUCIO DE MENDONÇA.

(De um artigo, *AS TRES JULIAS*, publicado no « Republica » do Rio de Janeiro, de 3 de Março de 1897).

* * *

Francisca Julia da Silva é um nome consagrado nas nossas letras. Seu livro de estréa, *Marmores*, contem joias de finissimo lavor que lhe grangea-

ram desde logo uma reputação litteraria definitiva. Seus versos, a par de uma factura primorosa e de uma originalidade rara, têm uma expressão admiravel de vida emotiva intensa, que se communica ás almas como as vibrações de uma harpa dedicada num plenilunio.

VIRGILINA DE SOUZA SALLES.

(De um artigo da REVISTA FEMININA, de São Paulo).

* * *

O que não se pode acreditar é que a sociedade paulista esteja tão materializada, a ponto de ser indifferente ao desaparecimento prematuro de uma mulher admiravel, que fazia muito mais «honra» a S. Paulo, do que todas «as honras» que S. Paulo lhe possa prestar. S. Paulo não é assim tão rico de notabilidades femininas, — para lhe ser indifferente que viva ou deixe de viver em seu seio uma alma tão harmoniosa de artista, realçada, de mais a mais, por um tão delicado recato de senhora e de esposa.

A gloria de Francisca Julia reflecte-se, antes de tudo, sobre a mulher paulista. Unindo tão elegantemente a uma alta intellectualidade a modestia mais encantadora, juntando a um sereno e forte desprezo das gloriolas faceis um entranhado apego á doce obscuridade da vida de familia, ella constituiu-se não só em claro indice das possibilidades intellectuaes da mulher paulista, como tambem em symbolo das solidas qualidades caracteristicas de sua organização moral.

PINHEIRO JUNIOR.

(Trecho de um artigo do ESTADO DE S. PAULO, de 8 de Novembro de 1920).

* * *

Quando o mundo se recolhia para a prece dos seus mortos e a terra como que soffria, num inicio de quinzena triste, a influencia subtil da saudade daquelles que acolhera em seu seio, como filhos prodigos que a ella regressavam, Francisca Julia, a cythareda que a exaltara em musica e harmonia, fechava os olhos silenciosamente, para emmudecer e descançar. Calava a lyra prestigiosa dos *Marmores*, em cujos accordes vivera esse suave dom de belleza, encantando tudo que tocava e em que os heróes e semideuses, bem como todas as cousas frageis e bellas, tinham tido o plectro mais alto e mais ardente.

Surgira numa época em que era um assombro uma mulher escrever versos e, na sua gloria, fugia do esplendor ruidoso dos scenaculos, para crear em silencio e modestia os seus rythmos hellenicos e a sua arte vigorosa e grande. Não foi uma artista sedenta de notoriedade, pois tinha, no recanto da sua vida, vivida para ella mesma, a consciencia de que representava um desses raros valores, para cuja expressão se dispensam os reclamos e os rumores da publicidade. Além de grande Poeta, foi Francisca Julia uma mulher de nobre e rara sensibilidade, toda votada ao culto do seu lar e ao aconchego dos seus affectos familiares.

Conseguiu reunir, assim, á mais alta representação intellectual do seu sexo na literatura do seu paiz, a mais radiosa expressão moral de bondade e de carinho. Foi alta e perfeita,

GELASIO PIMENTA.

(Trecho de um artigo. A CIGARRA de S. Paulo, de 1 de Novembro de 1920).

Quando hontem, na tristeza da tarde moribunda, soubemos, Francisca Julia, que havias cerrado os olhos para todo o sempre, ao ouvires a voz do céo que te chamava, — nós, os teus irmãos de Arte, os que sentiramos, na terra, a graça da tua Bondade, a luz sagrada do teu genio na obcessão da Belleza eterna, — mal pudemos comprehender, no aneio das almas em silencio, a angustia infinita que nos causava a tua morte... E áquella hora nos recordámos, então, Francisca Julia, que viverias no esplendor dos *Marmores* que esculpiste; que ficarias como marco eterno de uma Geração e de uma Escola, que serias o mais bello symbolo da intellectualidade de um Povo e de uma Raça.

Viveste só. Quizeste viver só. Na tua solidão creadora, rompeste, porém, um dia, de um só golpe, o marmore divino dos teus versos. E elles nos fizeram estremecer porque crearam a Belleza que não morre. «A sublimidade rompe a impassibilidade do marmore, ergue o collo, incha o thorax, abre os labios de pedra e lança o grito do desespero pela bocca de Laconte». Nas veias dos teus *Marmores*, Francisca Julia, corre e palpita o sangue de Prometeu. Nos teus sonetos lapidares, na palpitação divina do teu Extase, foste digna irmã de Leconte, Gautier, Herédia e Banville, porque nas linhas inflexiveis da fórmula classica, imprimiste, como elles, plasticidade e harmonia, vibração e doçura.

Modulaste todos os sons. Vibraste todas as notas. Espiritualizaste todas as cores. E' que o character preponderante da tua Poesia, no di-

zer de João Ribeiro, «foi o amor da Belleza classica, tal qual a idearam os hellenos de Péricles — o sentimento abstracto e profundo do numero, do rythmo e da harmonia». De feito. As tuas pupillas só se descerravam ás vibrações da luz. Só abrias as mãos, Francisca Julia, para se desenharem, nitidas, todas as curvas. A alvura dos teus *Marmores* reflecte, sob a pureza do céu, a juventude das divindades eternas, sorrindo na graça pagã. Mas nós só desejamos, aqui, Francisca Julia, á beira do teu tumulo, dizer-te o nosso adeus, trazer-te as nossas lagrimas... Morreste com a tua crença. Morreste com a tua fé. Morreste opulenta no orgulho da tua pobreza. Morreste com os accordes celestes da tua Lyra, que sempre foi a perenne exaltação de um grande sonho de Belleza! Reviverás, porém, Francisca Julia, na gloria de todo um Povo. Exultarás, com a luz de Deus, na grandeza da nossa Patria! Ficarás— atomo sonoro da consciencia universal onde tudo se dispersa, mas onde nada se perde — como a mais perfeita, a mais pura, a mais bella expressão da nossa Lingua!».

CYRO COSTA.

(Discurso pronunciado á beira do tumulo de Francisca Julia, a 2 de Novembro de 1920.)

*

Com o desaparecimento da poetisa dos *Marmores*, se emmudeceu de subito uma das lyras de mais alta resonancia que tem vibrado no Brasil. De feito, Francisca Julia foi a maior das nossas poetisas, e o seu logar entre os nossos grandes poetas é destacavel.

Pela belleza dos themas que elegeu, pelo clangor do seu verso de rythmos embaladores, pela pureza do seu parnasianismo, Francisca Julia foi uma discipula de Herédia, cujos "hemistichios de ouro" hão de ser repetidos pelas gerações futuras.

ARDUINO BOLIVAR.

(De um artigo critico).

Se a Academia Brasileira de Letras, ao fundarse, tivesse permittido o ingresso de mulheres no seu seio, a estas horas choraria uma vaga aberta,..

UMBERTO DE CAMPOS.

(De um discurso sobre Francisca Julia, pronunciado na Academia Brasileira de Letras a 4 de Novembro, 1920).

* * *

... E essa ancia incontida de felicidade, miragem ridente ao longe, de perto vasia, pôde Francisca Julia symbolisar na joia da literatura universal que são os *Argonautas*...

LINDOLPHO ESTEVES.

(Trecho de um artigo necrológico).

O seu espirito (o do dr. Alberto Braga) não se furtava aos encantos superiores da belletristica,

no que ella tem de mais elevado e nobre. Ultimamente se embevecia na leitura dos sonetos de Francisca Julia da Silva, que os burila como nenhuma outra no Brasil. São joias de admiravel feitura, de mimoso lavor, versos sinceros de quem sabe sentir e exprimir o que sente.

GOMES DE FREITAS.

(Trecho de um artigo sobre o dr. Alberto Braga. **CORREIO MERCANTIL**, do Rio Grande do Sul, de 6 de Julho de 1904).

... começa a fulgurar em São Paulo, com um resplendor que chama logo a attenção, uma poetisa, tão senhora do verso como os nossos melhores poetas. Eil-a construindo alexandrinos masculos, de um cinzelamento perfeito.

FROTA PESSOA.

(De um artigo **ESCRITORES CONTEMPORANEOS**. Paiz, 26 de Janeiro de 1901).

O que eu desejo assignalar, aqui, referindo-me ás *Esphinges*, é que a disposição dos trabalhos poeticos, na primeira edição, era, senão mais feliz, pelo menos muito significativa. Aquella invocação á *Musa impassivel*, no começo e no fim, dá, com justeza, a nota caracteristica da esmerada poetisa, que, fugindo ao *sensibilismo* do seu sexo, soube tornar-se, no Brasil, a unica discipula verdadeira de Herédia, o glorioso mestre do impassibilismo.

E que melhor titulo do que *Marmores*, para lembrar, por exemplo, na *Dança das centauras*, a frieza esculptural de um baixo relevo,meticulosamente trabalhado em finissimo Carrara ?

ALVARO GUERRA.

(De uma noticia critica. COM-
MERCIO DE SÃO PAULO, 1 de
Junho de 1903).

... nos *Marmores*, as idéas são de uma delicadeza de tintas crepusculares, revelando a origem purissima de cada verso e conservando essa limpeza graciosa unida ao cuidado extraordinario da fôrma.

Um livro sereno, como que escripto exclusivamente para leitores apaixonados d'arte.

CUNHA MENDES.

(De um artigo inserto no *EX-
PORTER*, de 13 de Junho de
1896).

Como poetisa ella perscruta e aguarda com cuidadosa paciencia e desvelado carinho todos os reconditos da alma... Como artista, possui a meticulosa perseverança do marcheteiro, contrastando com a furia do pintor inspirado...

E' a sua fôrma castiça, flórea, original, aristocraticamente bella.

JOÃO VAMPRÉ.

(Trecho de um estudo critico
sobre as *ESPHINGES*. *DIA-
RIO POPULAR*, 21 de Maio de
1903).

Fallámos, depois, sobre a literatura em geral, e, como tocássemos nas escriptoras brasileiras, floriu-me á recordação, a personalidade illustre de Francisca Julia da Silva — a poetisa dos *Marmores* e *Esphinges*, cujos versos, á feição da poetica de José Maria de Heredia, Leconte, Theophile, Banville e outros, até hoje não tiveram rivaes, trabalhados por feminino pulso.

Após lançar, entretanto, a sua obra de estréa, a magnifica esculptora da palavra e do rythmo, cerrou-se, travez vinte e um annos, num luminoso silencio de estrella, ouvindo, apenas, da altura em que se collocou, esse entusiastico rumor com que as gerações vêm traduzindo a admiração que o seu genio logrou conquistar.

Fracisca Julia — parnasiana dentre os primeiros parnasianos, terá sempre o seu destaque com a belleza hellenica da fôrma de uma poesia, cujo estro se condensou na visão objectiva da vida.

Recebeu ella, como os melhores poetas da época do seu apparecimento, as influencias daquelles escriptores francezes.

Produzindo sonêtos tão perfeitos como os mais perfeitos sonêtos de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, João Ribeiro e Machado de Assis, a notavel poetisa paulista deixou, assim, um livro definitivo, sincero, por nelle estar a sua missão esthetica, a expressão do seu sentimento externado com justeza vernacula, no debuxo descriptivo das suas impressões.

Poetisa, ella avulta entre nós como em França mlle. Nicolette Hennique, autora de versos que se nivelam com os do poeta dos *Trophées*.

Esse poder admiravel de talhar em quatorze rimas um baixo relêvo impecavel em tudo, desde a exactidão do termo á harmonia do conjunto, é o mesmo que ambas possuem, irmanando-as, admiravelmente, na arte poetica.

Francisca Julia, tomando da pluma, cinzelou com estes versos admiraveis, na alvura do papel symbolisado em marmore, a estatua de Venus, no esplendor da belleza :

Grave e branca, de pé num blóco de Carrara,
Que lhe serve de throno a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quê de vida o genio lhe insuflára ;
E impassivel, de pé, mostra, em toda a brancura,
Desde a linha da face ao talhe da cintura,
A magestade real de uma belleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
De Minerva marcial que pelo gladio arranca,
Julgo vel-a descer lentamente do throno,

E na mesma attitude a que a insolencia a obriga,
Postar-se á minha frente, impassivel e branca,
Na régia perfeição da formosura antiga.

LEOPOLDO MACHADO.

(Trecho de um artigo UMA
ENTREVISTA COM A POETISA
FRANCISCA JULIA da «Epo-
ca», do Rio de Janeiro, de
16 de Dezembro de 1918).

* * *

Não deve, não pôde passar sem um commentario especial, a attitude, o gesto saliente do sr. Freitas Valle, apresentando, ante-hontem, na Camara dos Deputados, um projecto que diz respeito ás homenagens posthumas a serem prestadas a d. Francisca Julia da Silva. O illustre parlamentar, pronunciando breve discurso, breve, mas eloquente, breve, mas de uma significação altamente meri-

toria pela sua somma de fraternidade e idealismo, lembra a necessidade de cultuarmos a memoria daquella que foi a maior poetisa da lingua portugueza, daquella que corporificou em estrophes modelares, irmãs gêmeas dos primores mais celebres de Leconte e Heredia, pensamentos e paizagens que, pela profundeza e frescor, se eternizaram no atticismo, na majestade heraldica das suas creações artisticas. E o que propõe o orador — que sente com alma de poeta, que é poeta e amigo dos poetas e dos que pelem nas cruzadas do espirito e do coração — é um preito justo, que, modesto embora, considerando-se o valor colossal do engenho da parnasiana sem rival nem emulos, ha de falar aos posteros que os paulistas não esqueceram a memoria da que nos deixou um pouco da sua alma de eleita a esplender e a gorgear, para nosso orgulho e honra da nossa terra, nos symbolos que se cream com a palavra e o rythmo. Francisca Julia bem merece o galardão: o tumulto que abrigará as suas cinzas veneraveis á sombra verde e múrmura das casuarinas, a obra (que trará a rubrica distincta de Aristêo Seixas) em que, através de observações e analyses, o critico passou em revista a personalidade egregia e inconfundivel da cinzeladora do verso. O projecto de Freitas Valle, dado o seu alcance e opportunidade, projecto que bem demonstra que na Camara dos Deputados tambem se aferem e premeam o esforço e o valor dos veridicos intellectuaes, procurando vulgarizar-lhes e perpetuar-lhes o nome e as obras —vem, sem duvida ao encontro de um desejo geral, e por isso mesmo apenas encontrará applausos e sympathias. A opinião está com elle; traduz uma boa idéa — deve triumphar.

NUTO SANT'ANNA.

(CORREIO PAULISTANO, de 11 de
Novembro de 1920).

* *

O trilhado alexandrino

Même quand l'oiseau marche on sent qu'il a des ailes
occorre-me aqui ao observar que Francisca Julia,
ainda versando assumptos leves e praticos, como
o de uma obra didactica destinada a creanças, é
a mesma inspirada Poetisa, cujos dedos magicos
levam a tudo que tocam, um raio de belleza.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Acompanhei toda a longa serie de artigos de
Aristêo Seixas a respeito da obra immortal de
Francisca Julia e voltei dessa leitura de minuden-
te analyse com a admiração redobrada pela artista
magnifica, ao pé da qual muitas lyras famosas do
Brasil não passam de accordeons de segunda ordem.

FELIX PACHECO.

* * *

Quando te levámos para o eterno descanso, in-
cancavel obreira da rima, uma tristeza desoladora
chumbava os nossos labios. Se alguém falava,
era para avaliar o enorme legado que havias dei-
xado á Patria, legado de ouro que cabia nos curtos
centimetros de uma brochura cheia de novidade . . .

MENOTTI DEL PICCHIA.

(De um artigo inserto no «COR-
REIO PAULISTANO» de 4 de
Janeiro de 1921).

* * *

Para provar, o que hoje já não é preciso, o valor de d. Francisca Julia, basta transcrever o seu magnifico soneto, "Os Argonautas", publicado em primeira mão na "A Semana" e que constitue a mais pura joia dos "Marmores".

MAX FLEIUSS.

(Paginas Brasileiras).

desejo requerer que se insira na acta dos nossos trabalhos um voto de pezar pelo fallecimento de Francisca Julia da Silva, gloria de sua terra e de sua Patria. Submeterei, em seguida, á consideração da casa um projecto pelo qual se autorisa o governo a construir, simples e modestamente embora, o tumulo que lembre a existencia da poetisa paulista, que, ha vinte annos, já era considerada uma gloria brasileira.

E' preciso, entretanto, que, quando, nas nossas necropoles, alguém queira procurar o nome de Francisca Julia, possa o Estado de S. Paulo, não com soberba ou extremada opulencia, mas com dignidade, indicar o logar em que descança a sua filha immortal.

FREITAS VALLE.

(Trecho do discurso pronunciado na Camara dos Deputados, na sessão de 8 de Novembro de 1920).

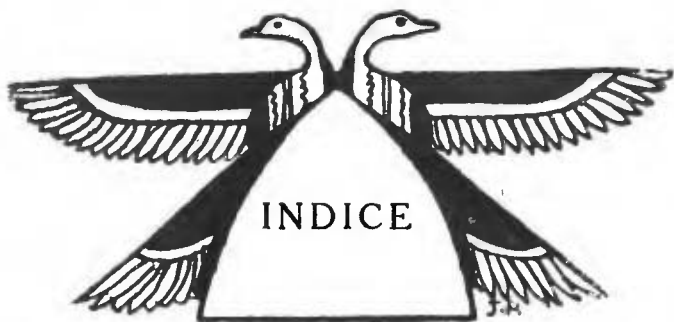
*

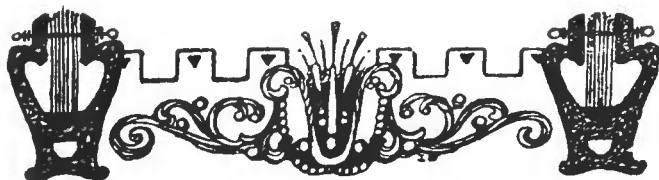
. ; No limiar de uma literatura, como a entrada mysteriosa do deserto, Francisca Julia plantou as suas "Esphinges" eternas.

E ellas dictaram aos do seu tempo o enygma profundo de uma arte divina; e marcarão para os que hão de vir, monolithicas e definitivas, a gloria forte de uma terra, de uma raça, de uma cultura.

GUILHERME DE ALMEIDA.







Desejo inutil 7

ESPHINGES

I	Dança de Centauros	11
II	A fonte de Jacob	13
III	Amphitrite .	15
IV	Profissão de fé	17
V	Adamah .	19
VI	Os Argonautas	21
VII	Epypto	23
VIII	Cega .	25
IX	A um velho	27
X	Crepusculo .	29
XI	A Ondina	31

xii	Paizagem	33
xiii	Venus	35
xiv	Sonho africano	37
xv	Rustica	39
xvi	Mahabarata.	41
xvii	Rainha das aguas	43
xviii	Inverno .	45
xix	Em Sonda	47
xx	A caçada	49
xxi	No campo . . .	51
xxii	Nocturno	53
xxiii	A noite .	55
xxiv	Aurora	57
xxv	A um poeta	59
xxvi	Á noite .	61
xxvii	Natureza	63
xxviii	Angelus .	65
xxix	A um artista .	67
xxx	Musa impassivel .	69

NUMEROS DO INTERMEZZO
DE HENRICH HEINE

I.	75
II.	77
III.	79
IV.	81

O MERGULHADOR

O mergulhador	85
Aguarella	87
Visão	91
Mãe	93
De Chrysostomo Medjid.	95
Amor descoberto	97
A floresta .	99
Inconsolaveis .	101
Perfida .	103
De joelhos	105
De volta da guerra	109
Dona Alda	113
A primavera	115
A uma creança	119
Mudez	121
Pranto de luar	125
Noite de inverno	127
Ballada	131
Vida .	133
Inverno .	135
As duas irmãs	139
Calme de la mer	141
Lied cicilien	143
Alma e destino	145

O ribeirinho	147
Carlos Gomes	151
Humanidade redimida	153
De volta	157
Caridade	159
Vidas anteriores .	161
A uma santa	163
Alma anciosa .	165
Esperança	167

*A PROPOSITO DE FRANCISCA JULIA
E DE SUA OBRA*

I





Desenhos
de
J. Prado.

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL:

	BRUC.	ENC.
Negrinha, contos, Monteiro Lobato	2\$500	3\$500
Urupês, contos, Monteiro Lobato .	4\$000	5\$000
Cidades Mortas, contos, Monteiro Lobato	4\$000	5\$000
Idéas de Jéca Tatú, crítica, Monteiro Lobato	4\$000	5\$000
Narizinho Arrebitado, livro para crianças, Mont. Lobato e Voltolino	—	3\$500
Populações Meridionaes do Brasil, Oliveira Vianna	10\$000	12\$000
Professor Jeremias, Léo Vaz	4\$000	5\$000
Vida e Morte de Sá, romance, Lima Barreto	2\$000	—
Livro de Horas Sôror Dolorosa, Guilherme de Almeida	5\$000	—
Alma Cabocla, Paulo Setubal	3\$000	4\$000
Dias de Guerra e de Sertão, Visconde de Taunay	4\$000	5\$000
Madame Pommery, Hilario Tácito	4\$000	—
Brasil com S ou com Z, Assis Cintra	3\$000	—
Vida Ociosa, Godofredo Rangel .	4\$000	5\$000
Os Caboclos, Valdomiro Silveira .	4\$000	5\$000
Histórias da nossa Historia, Viriato Corrêa	3\$500	4\$500
Esphinges, poesias, Francisca Julia	5\$000	—
O Mysterio, romance, Afranio Medeiros, C. Netto e Viriato Corrêa	4\$000	5\$000

MONTEIRO LOBATO & C. - Caixa, 2-B- S. Paulo







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).